

Stadium

Foto AMADEU FERRARI



BENFICA - BRAGA

O salto de um avançado-centro (Júlio) e a defesa de um guardarede (Salvador). Esta figura do jogo parece combinada, mas não é...

NESTE NUMERO

O SELECIONADOR BARREAU
entrevistado especialmente para «Stadium»
Por PIERRE LORME

VITAL, DO ATLÉTICO
o jogador que esteve para alinhar no Sporting
Por ROSA DE MATOS

COM O DESAFIO REAL MADRID-BELENENSES
inaugurar-se-á o campo de Chamartín
Por RAMON MELCON

CURIOSAS REVELAÇÕES
de Alfredo (do Porto)
Por RODRIGUES TELES

O MOVIMENTO DA NATAÇÃO
segundo o presidente da Federação Portuguesa
Por ABREU TORRES

A MAIOR PROVA DO FUTEBOL PORTUGUÊS
Por TAVARES DA SILVA

N.º 259

19 DE NOVEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Resultados normais na 1.ª jornada exceptuando a surpresa de Setúbal

Os representantes do Porto passaram o risco com brilho! — Aviso aos "fortes" na hora e meia de sofrimento em Guimarães e Vila Real de Santo António...

Crónica de TAVARES DA SILVA

NÃO se pode parar! Os campeonatos pegam uns nos outros, porque os domingos não podem ser desperdiçados. Tanta é a sua falta... Por isso, fez pena verificar o desperdício de várias Associações neste início de época!

Estão em acção catorze clubes, e o Torneio tem a decifração de nacional. Devemos lastimar que o desenvolvimento do jogo não seja uniforme e regular em todo o território, permitindo a representação de todas as Associações, e, dando, desse modo, à designação o verdadeiro sentido. Mas no desenvolvimento do futebol influem causas estranhas ao jogo entre as quais se destacam como mais importantes a população das cidades e a importância destas.

Em todos os países verifica-se que são as grandes cidades que dispõem dos mais importantes clubes e dos melhores *teams*, dada a sua capacidade técnica e financeira. Certamente, em terras de fraca densidade de população, mesmo que importantes pela sua

indústria, é possível surgirem bons grupos de futebol, mas isso são casos esporádicos.

Sem dúvida alguma, o Campeonato Nacional da Primeira Divisão (em devido tempo saber-se-á se é necessário ou não introduzir-se alterações no número de concorrentes) apaixona o país. Cada adepto está a assistir a um jogo e a pensar no que se passará nos outros rectângulos. A sua primeira preocupação, findo o encontro, é conhecer os demais resultados para fazer em seguida os seus cálculos e conjecturas.

A primeira jornada decorreu com interesse. Nas grandes cidades a visita dos clubes despertou curiosidade; e nos centros da Província a deslocação dos clubes de Lisboa provocou, mesmo, vivo entusiasmo. O público é apaixonado, certamente, e quer que vençam as suas cores, mas também gosta de ver bom futebol e o melhor prato que lhe podem oferecer é a visita de qualquer dos *teams* famosos na tradição portuguesa.

Resultados apurados:

Atlético	1	—	Sporting ...	4
Benfica	6	—	Sport. Braga 1	
Porto	4	—	Elvas	0
Vitória G. ...	0	—	Belenenses .	1
Académica ..	3	—	Olhanense ..	3
Vitória S. ...	0	—	Boavista ...	0
Lusitano....	1	—	Estoril	1

Os resultados que se verificaram em Lisboa, no Porto, em Guimarães e em Coimbra tem a marca da normalidade.

No Porto os números podiam ter sido mais nivelados, em Guimarães haver outro desfecho, assim como em Coimbra, mas, no entanto, repetimos, os resultados são normais. Onde essa normalidade cessa é em Setúbal e em Vila Real de Santo António. Sabendo nós como costuma jogar o Vitória na sua terra, com entranhado entusiasmo e duplicação de esforços, temos por força de concluir que alguma coisa se passa de muito agradável no onze do Boavista.

Também era de prever o triunfo do Estoril pra o Algarve, e tal parece indicar mais uma vez que o grupo, notável pelo seu conjunto não tem ganhas de competição. No entanto, o Lusitano deu o aviso a todos os concorrentes, e cada um que o interprete como souber. As recomendações que não são ouvidas causam sempre aborrecimentos.

Os desafios apesar da paixão que provocam decorreram com disciplina desportiva, e os árbitros, segundo parece, encontram-se na disposição de imporem a ordem, e de punir a violência, deixando que a classe e o poder do remate sejam os únicos factores a ditarem a sentença. Vidé a expulsão de dois jogadores!

A Tabela está ordenada da seguinte forma: *Benfica* 2 pontos, 1 vitória, 6-1 em bolas; *Porto* 2, 1 vit., 4-0; *Sporting* 2, 1 vit., 4-1; *Boavista* 2, 1 vit., 2-0; *Belenenses* 2, 1 vit., 1-0; *Olhanense* 1, 1 emp., 3-3; *Académica* 1, 1 emp., 3-3; *Estoril* 1, 1 emp., 1-1; *Lusitano* 1, 1 emp., 1-1; *Vitória Guimarães* 0, 1 der., 0-1; *Vitória de Setúbal* 0, 1 der., 0-2; *Atlético* 0, 1 der., 1-4; *Elvas* 0, 1 der., 0-4; *Sporting de Braga* 0 pontos, 1 derrota, 1-6 em bolas.

Damos a seguir os tópicos fundamentais dos sete desafios disputados.

Atlético-Sporting — O desafio não conseguiu agradar no ponto de vista de qualidade. Exibição

modesta de ambos os grupos, notando-se sensíveis falhas no jogo de conjunto especialmente no seguimento da bola da defesa para o ataque, o que constituiu indicação segura acerca do trabalho dos médios de ataque.

Precisamente, a linha avançada leonina que é tida, e com toda a justiça, como uma bela realidade do futebol português, um pouco por fugir ao choque e outro por estar em dia de má vocação fez uma exibição inferior à sua bitola. A sua penetração deixou muito a desejar, e a defesa atlética lutou de igual para igual com esse ataque, e, enquanto teve forças, mesmo com superioridade.

O Atlético também não soube organizar os seus avanços, e muito menos aproveitar as oportunidades. Neste capítulo, o Sporting foi diferente e isso deu-lhe a vitória. Até jogando mal, a linha atacante dos *leões* conseguiu um resultado, que é, na Tapadinha, um bom resultado. O melhor período *sportingue* verificou-se na reacção da segunda parte, com um Travassos novamente pujante de jogo.

Árbitro — Mário Ribeiro Sanchez (Lisboa).

Atlético — Ernesto, Baptista, Armindo, Rosário, Pereira, Moraes, Martinho, Armando Carneiro, Vital, Simões e Caninhas.

Sporting — Azevedo, Moreira, Marques, Mateus, Verissimo, Juvenal, Jesus, Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Benfica-Sporting de Braga — Desde o primeiro momento notaram-se da parte dos dois grupos diferentes preocupações: o Sporting forçava a marcha do jogo, querendo impor-se; o Benfica lutava tranquilamente na certeza do triunfo. Aos 7 minutos, já os lisboetas estavam com 2-0 a seu favor, um tanto ou quanto favorecidos pela marcação de uma grande penalidade à maneira de Santarém...

E o jogo manteve sempre a mesma característica. Mas com o andar do tempo diminuiu de interesse até chegar ao ponto-morto.

No primeiro tempo, razoavelmente servido e apoiado, o quinteto bracarense da frente, ordenou várias jogadas, alegres e vistosas, pelo menos, com desembaraço. Os jogadores mostraram nesse período, além de razoáveis qualidades individuais, certos conhecimentos do jogo de desmarcação.

Mas quando o Benfica apertou um pouco mais a corda na gar-

A "graça" da semana



Vamos lá a vêr se [no domingo pômos uma rolha no bico dos gauleses. Caso contrário, os franceses «cantarão de galos»!

ganta do adversário, este ficou sem folego e pensou apenas em livrar-se de apuros, defendendo-se menos mal. E o Benfica fez isto, no seu passo certo, e sem precisar de fazer apelo à sua tradicional genica. Quando o desafio acabou, respiramos todos!

Árbitro — Contente de Sousa (de Santarém).

Benfica — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Júlio, Melão e Vítor Baptista.

Sporting de Braga — Salvador, Palmeiro, Joaquim, Daniel, Sobral, António Marques, José Machado, Elói, Mário, Diamantino e Casiano.

Porto-Elvas — O Elvas realizou um trabalho inferior no campo da Constituição. A equipa mostrou falta de ligação entre os três sectores, e, em certo momento, quando foi abertamente dominada no aspecto territorial, ficou feita em dois pedaços nitidamente separados: um ataque, sem apoio e sem valor para se impor por si próprio; a uma defesa, dando-se a trabalho exaustivo, mas sem estar devidamente afinada no seu conjunto. Na derradeira fase, as coisas pioraram ainda com a expulsão de Luis de Sousa.

Também o Porto não atingiu grande nível. Mas não há comparação possível relativamente aos nortenhos e aos elvenses. Porque estes foram sempre inferiores, enquanto que aqueles tiveram de quando em vez boas afirmações de futebol de qualidade. Houve momentos, na verdade, em que os portuenses, assentando arrais no território do adversário, souberam desmarcar-se em termos de executar lances precisos, de unidade para unidade, cada uma delas ocupando o seu verdadeiro sítio. De resto, a vitória do Porto nunca estaria em causa. Parecendo-nos justo referir que o interior Araújo, além de enviar para as redes quatro bolas mortais foi o grande artífice do triunfo, orientando, ligando esforços, fazendo passes primorosos e estando alerta no aproveitamento dos golpes.

Árbitro — José Teixeira (de Baaga).

Porto — Barrigana, Alfredo, Carvalho, Joaquim, Guilherme, Gastão, Angelo, Araújo, Lourenço, Freitas e Ferreira.

Elvas — Semedo, Galinho, Oliveira, Rebelo, Neves, Sousa, Massano, Vieira, Patalino, Augusto e Alexandre.

Vitória de Guimarães-Belenenses — O Belenenses conseguiu o chamado golo solitário e defendeu-o sem vacilações, com a valentia e segurança que tornam única a sua forte defesa. No período final, quando todas as forças de Guimarães invadiram o território de Belém, desenvolvendo ataques sobre ataques, nem isso causou perturbações no bloco defensivo que, mesmo com claresa, interveio em quase todos os lances de modo a inutilizar a tarefa do adversário. Quaresma recebeu ordem de saída do terreno, mas o Belenenses continuou impassível e com a sua defesa organizada.

Dir-se-á que semelhante comportamento não merece elogios, porque uma equipa como a de Belém não pode contentar-se com

semelhante estado de coisas, de mais-a-mais provocado pelo adversário. Referir-se-á, então, que, em competição, os pontos fora de casa valem redobrado...

Quando atacou, e no período de equilíbrio territorial, os belenenses construíram bons lances. O mesmo se pode dizer do adversário, cujo ataque, habilidoso, se perdeu e desconjuntou apenas na zona da verdade.

Árbitro — Domingos Miranda (do Porto).

Vitória de Guimarães — Machado, Garcia, Costa, Luciano, Curado, Teixeira, Franklin, Rebelo, Brioso, Miguel e Aleixo.

Belenenses — Sérgio, Vasco, Feliciano, Amaro, Figueiredo, Serafim, Nunes, Quaresma, Teixeira da Silva, Duarte e Narciso.

Académica-Olhancense — O encontro, como várias vezes sucede, teve duas caras: uma de vantagem para os algarvios; outra, de reacção dos estudantes.

Certamente, a partida não resultou uma manifestação pura de jogo, mas quando um encontro sofre as variações que este sofreu é indiscutível estarmos em presença da boa competição.

Os algarvios, desenvolvendo jogo de ataque, invadiram o campo do adversário, e na orientação dos interiores encontraram o dispositivo para afirmar a sua superioridade. Quando um grupo ataca nem sempre vence, porque as reacções, mesmo fugazes, do adversário, são então perigosíssimas. Mas a orientação do ataque indica superioridade do jogo.

E natural que, a coberto dos dois golos de vantagem, os olhancenses encarassem a segunda parte com tranquilidade, esquecidos que debaixo dos pés se erguem os trabalhos... Os estudantes reagiram, na sua maneira entusiástica. E conseguiram simplesmente isto: virar o resultado do avesso, transformando 0-2 em 3-2. E não sabemos que mais admirar: se esta reviravolta, se a circunstância dos algarvios ainda terem forças para estabelecer o empate. Já é preciso ser uma equipa, e ter um adversário descuidado na sua frente...

Árbitro — Carlos Canuto (de Lisboa).

Académica — Prates, Messias, Brás, Eduardo Santos, Diogo, Azeredo, Aníbal, Pacheco Nobre, Ataz, Leitão e Bentes.

Olhancense — Szabo, Rodrigues, Januário, Grazina, Eminência, Acácio, Moreira, Salvador, Cabrita, Joaquim Paulo e Palmeiro.

Vitória de Setúbal-Boavista — A única forma, pelo menos a maneira mais fácil de fazer futebol de precisão é conservar a bola sobre o terreno, e organizar deste modo triângulos que fechem bem. Ora, qualquer dos grupos em luta no campo dos Arcos, principalmente o Vitória, proferiu o jôgo por alto, impreciso e provocando o choque. Succedendo que, a defesa boavista não volta a cara a ninguém, é enérgica e decidida, está bem de ver que semelhante orientação não havia de favorecer os setubalenses.

Por outro lado, além da segurança da sua defesa, o Boavista apresentou um ataque que, por vezes, soube jogar rasteiro, infiltrar-se no campo do adversário, e aproveitar os golpes mortais. No primeiro tempo, os portuenses fizeram um golo; e no segundo consolidaram o triunfo.

O Vitória fez uma segunda parte muito entusiástica, já mais desanimado e procurando o golo com verdadeiras ganas apesar de handicapado por lesão de Armando, o seu melhor avançado, e da inutilização de Cardoso Pereira que abandonou o terreno. Mas o Boavista continuou firme como rocha e não se deixou bater.

Árbitro — Boques Leal (de Lisboa).

Vitória de Setúbal — Baptista, Primo, Figueiredo, Pina, Ameixa, Beirão, Campos, Viegas, Armando, Rendas e Cardoso Pereira.

Boavista — Santiago, Garcia, Raimundo, Ramos, Pereira, Serafim, Zeca, Armando, A. Caiado, F. Caiado e Barros.

Lusitano-Estoril — Os algarvios de Vila Real entraram na competição com o pé direito. Evidentemente, e nem admirava, a equipa baixará de tom nas saídas; mas há já a certeza de que, no seu ambiente, é grupo capaz de bater o pé aos melhores.

Até porque o Estoril jogou bem, com lances do melhor recorte e de combinação, pondo a bola a rolar no terreno e traçando triângulos matemáticos e do mais belo efeito. As exhibições como a do Estoril devem, mesmo, exercer influência no jôgo do Lusitano, pois os seus componentes, que já vimos que são adaptáveis, podem aperfeiçoar-se.

Mas cada um joga da sua maneira e como sabe. O Lusitano não podia opôr à rede do conjunto a mesma espécie de jôgo por não estar adestrado para o efeito. E, por isso, entregou-se alegremente ao seu jôgo, alegre e dinâmico, progredindo no terreno pela utilização das pontas e procurando não esquecer a obrigação do remate.

O Estoril não teve vida tranquila, pois o Lusitano foi o que abriu o marcador pela primeira vez tendo desperdiçado várias oportunidades. Ainda após o empate obtido na segunda parte teve o Lusitano ocasiões... E fica dito que o que caracteriza o jôgo dos homens de Vila Real é a homogeneidade que resulta do valor apro-

Os jogadores franceses

Segundo as provas no Campeonato da França

O jornalista René Cotteaux, no jornal *Équipe*, analisa da seguinte forma, segundo nos diz a agência «Extinfor», a participação dos jogadores seleccionados para o Portugal-França do próximo domingo, na penúltima jornada do campeonato nacional do seu país da seguinte forma:

Da Rui (Roubaix): Foi censurado por deixar entrar um golo, mas reconhece-se que teve boas intervenções.

Favre (Reims): Não jogou por causa de uma entorse.

Jadreck (Lille): Nada fez de notável, e Favre (Red Star) tirou-lhe a bola com demasiada frequência.

Grégoire (Stade): Não jogou.

Marche (Reims): Bem, mas não teve ocasião de mostrar quanto vale.

Huguet (St Etienne): Muito em evidência contra Montpellier.

Dahan (Marselha): Bom jogo, mas Richardot, seu adversário directo, assinou os dois golos da tarde.

Pascual (Estrasburgo): Bem, numa equipa movimentada.

Guissard (St-Etienne): Ferido (entorse na canela esquerda), jogou na ponta e tornou a ferir-se.

Prouff (Reims): o melhor bretão, no entanto neutralizado por Hon.

Hon (Stade): Brilhantíssimo. Confirmação retumbante das suas qualidades.

Barate (Lille): Muito activo, foi isolado num ataque médio.

Heisserer (Estrasburgo): Um dos melhores estrasburgueses, na base das arrancadas vitoriosas.

Ben Barek (Stade): Brilhante como de costume. Marcou o seu golo.

Alpsjet (St-Etienne): Avançado centro, marcou um golo; bom jogo.

Vaast (Racing): Já tem jogado melhor.

Bongiorni (Racing): Dois adversários pela frente, raras vezes se livrou!

Mouriel: Muito pouco feliz, teve medo de Frey.

Lembramos a Barreau: Jules Bigot (Lille) que foi superior, no Parc, contra o Red Star.

ximado e igual dos seus componentes.

Árbitro — José Trindade (de Setúbal).

Lusitano — Isaurindo, Mortá-gua, David, Camarada, Caldeira, Madeira, Almeida, Vasques, Hel-der, Cabrinho e Germano.

Estoril — Laranjeira, Pereira, Alberto, Oliveira, Elói, Fraga-teiro, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Ano V — II Série — N.º 289

Lisboa, 19 de Novembro de 1947

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração

RUA DA ROSA, 252 - 1.º

LISBOA

Director e Editor:

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção:

TAVARES DA SILVA

Propriedade da

Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



O grupo da França e de Portugal, alinhados, na saudação, em Colombes

O Seleccionador **BARREAU** entrevistado especialmente para "STADIUM"

SOBRE O DESAFIO do PRÓXIMO DOMINGO

POR PIERRE LORME (Serviço de Cónicas Extinfor)

NOS meios do futebol francês, reina grande entusiasmo pelo próximo encontro Portugal-França, que terá lugar em Lisboa daqui a dias.

Foi a 14 de Abril de 1946, que os futebolistas franceses restaram o contacto com os portugueses, em Lisboa, compromisso que datava de há mais de seis anos. Em 1940, com efeito, dois encontros estavam marcados entre a França e Portugal. O primeiro realizou-se em Paris a 28 de Janeiro de 1940. O segundo devia ter lugar em Lisboa algumas semanas mais tarde. Mas em breve as circunstâncias da guerra tomavam um aspecto dramático. Foi preciso esperar seis anos, seis anos de angústia e de miséria, para que os jogadores franceses pudessem retribuir aos seus camaradas portugueses a sua visita de 1940.

A recepção que eles encontraram na capital portuguesa tocou-lhes o coração.

Depois duma partida fecunda em peripécias e perante uma assistência quase «record», a equipa portuguesa saiu vencedora por 2-1.

A partida desforra teve lugar em

Paris a 25 de Março de 1947. O resultado foi quase exactamente inverso: os franceses ganharam por 1-0 depois dum encontro magnífico, digam o que disserem, emocionante e indeciso até ao fim.

Espera-se, em França, que o encontro de 23 de Novembro próximo, o terceiro depois da Libertação, seja o terceiro elo duma cadeia sólida que unirá, para relações frequentes e regulares, os desportistas dos dois países.

As hesitações de Barreau

Fui avistar-me com Barreau, o seleccionador único da Federação Francesa de Futebol, que suporta alegremente, desde há uma dezena de anos, a responsabilidade de designar os jogadores da equipa de França.

Não procurou esconder-me as dificuldades que encontra:

— Estamos ainda no começo da época, numa altura em que, duma semana para a outra, a forma dos jogadores varia, diz-me ele.

«Além disso, dão-me sinal de todas as províncias de homens de quem me dizem o melhor que se pode dizer. Mas nem eu, nem as pessoas da minha confiança, tivemos ainda tempo de os ver jogar. Há apenas um domingo por semana e, por conseguinte, uma única oportunidade de avaliar as qualidades e a forma dos jogadores. Deste modo esperarei o último momento para fazer a minha escolha. Nada poderei dizer de definitivo antes dos resultados dos encontros de 16 de Novembro. Talvez mesmo aguardar, para formar a equipa, a entrada no estádio de Lisboa; pelo menos, para alguns dos elementos.

Mas, no conjunto, já tem uma ideia da base em que assentará a equipa?

Sim, naturalmente. Salvo circunstâncias imprevistas, tais como doença, contusão ou súbita baixa de forma,

os portugueses verão de novo este ano, nas redes, Da Rui; Cuissard e Prouff na linha dos médios; Vasset, Ben Berek, Baratte, nos avançados. Mas, para os outros lugares, estou deveras indeciso. Não pela falta de candidatos, certamente, mas por causa do número de jogadores de classe, de valor sensivelmente igual, e que é preciso escolher por pequenos detalhes.

«Os defesas de valor abundam. Tenho que escolher entre Jedrejack (Lille), Grillon (Stade), Dahan (Marselha) e March (Reims). Isto sem contar que, daqui até 23 do corrente, outros se imponham à nossa atenção.»

«Os médios também não faltam: Jonquet (Reims), afirma-se como um candidato sério, assim como Grégoire e Hon, ambos do Stade.

«E preciso também pensar na homogeneidade da equipa. É necessário, enfim, ligar num conjunto harmonioso os internacionais confirmados que formam os quadros e os jovens cujo ardor dá alma à equipa.

A característica do jogo português é a rapidez

Diga-me, agora, o que pensa do jogo português?

— Estou satisfeitíssimo por ver que se estabelecem contactos regulares entre o futebol francês e o futebol português. E, dizendo isto, não penso apenas na elevada cortesia dos nossos adversários e no prazer de sua recepção. Penso na técnica do jogo. O futebol português caracteriza-se pela sua rapidez, pela espontaneidade dos reflexos, apoiados numa técnica segura. Enfim, o jogo de cabeça dos portugueses é extraordinário. Os nossos jogadores têm a oportunidade, em frente dos portugueses, de se aperfeiçoarem e de se instruírem em certos detalhes do jogo. Em suma, estes encontros não são apenas agradáveis, mas úteis e instrutivos. Que melhor pedir?

— Quem acompanha a equipa? Primeiro, o meu amigo, naturalmente?

— Não se sabe ainda se o Presidente Rimet, que acaba de ser operado a uma catarata, estará restabelecido para suportar a viagem. Se não o puder fazer, estou certo de que ficará com muita pena. Mas Delaunay, o secretário geral da Federação, o meu amigo G. Hanot, presidente da União Profissional, Gambardella, dirigente e crítico reputado, acompanhar-nos-ão.

— Posso desejar-lhe «bonne chance»?

— Não faça isso! As pessoas superstitiosas dizem que isso dá azar. Mas pelo que me toca, qualquer que seja o resultado do encontro, ficarei contente se a partida for bela, de forma a dar satisfação ao público de Lisboa, cujo desportivismo poderá ser dado como exemplo a outras nações.

«Não há pior inimigo do espírito desportivo do que o facciosismo.» Como Barreau tem razão!...

P. L.



DA RUI



BEN BAREK

DUMA REPORTAGEM
COM

VITAL

transcrevem-se curiosidades do passado e do presente do esperançoso centro-avançado alcantarenses...

...que esteve à beira de alinhar no SPORTING



VITAL treina-se no jogo de cabeça... Um avançado-centro deve saber rematar de qualquer forma

NO quadro dos «novos» apresentados nesta época por equipas lisboetas, Vital ocupa um lugar proeminente — pelo que demonstra de possibilidades no panorama futebolístico nacional.

Ágil e oportuno nos lances, habilidoso a mexer no esférico e dotado de remate certeiro e violento — qualidade que tanto parece escassear na grande maioria dos nossos avançados — Vital soube impôr-se à consideração da crítica, desde quando alinhava ainda num clube de modestas aspirações, o Onze Unidos do Montijo. «Transplantado» para o popularríssimo Atlético Clube de Portugal, que parece ter conseguido levar a melhor na «luta de apetites» travada à roda da «posse» do nosso jovem, continuou este a chamar a atenção dos entendidos, que nele vêem um elemento de futuro, assim como o seu trato correcto, afável e simpático, o impuseram à consideração do público alcantarenses, que se prepara para dele fazer um ídolo.

Estava indicada, portanto, a reportagem, se outra razão não houvesse: a de dar a conhecer ao mundo dos seus admiradores — e admiradoras decerto, que as há-de ter! — os traços biográficos do jogador que se habituaram a aplaudir.

Ouçam-no, pois:

— Eduardo Martins Vital, de 22 anos, solteiro, natural de Grândola.

E a inquirição continua: Que outros clubes conheceu, além do Atlético?

— Iniciei-me num clube da minha terra, não filiando, o Sport Clube Grandolense, com 16 anos. Alinhei por ele até aos 20, idade em que fui para a vida militar e em que passei a jogar no Onze Unidos do Montijo. Conservel-me neste duas épocas, até que...

— Veio para o Atlético?, cortámos...

— Antes disso convidaram-me a treinar no Benfica. Fui, e parece que gostaram de mim, porque me foi feita a proposta de o representar. Mas... o nosso homem tem uma leve hesitação, e prossegue — não sei porquê... seduzia-me mais o Atlético. Pendi mais para este lado... e por isso vim.

— Gosta, então, do seu actual clube?

— Gosto imenso da camaradagem existente entre todos os companheiros de equipa. Sou acarinhado e tratado com deferência pela Direcção, e agrada-me bastante o trabalho do treinador, o dr. Abrantes Mendes. É uma pessoa conscienciosa, competente, e um grande amigo dos seus pupilos. É certo que no Onze Unidos do Montijo encontrei, também, duas competências como treinadores: Gaspar Pinto e Valadas, mas nunca poderei esquecer que ao dr. Abrantes Mendes ficarei devendo a correcção de alguns defeitos que trouxe do Montijo.

— Jogou sempre a avançado-centro? perguntamos.

— No Grandolense era extremo-direito, posto de que gosto muito mais. Só no Montijo é que me ensinaram a avançado-centro, e nunca mais larguei o lugar. Se tivesse seguido o rumo que me estava destinado...

Adivinhámos nestas reticências qualquer coisa que possa interessar-nos. Metemos, portanto, o «saca-rolhas».

— Que rumo?

Vital tem uma hesitação, ainda, mas prossegue:

— Poderia ser hoje extremo-direito, em vez de jogar no centro do terreno, se a família me não tem cortado os vãos. Quando ainda estava no Grandolense, fui treinar ao Sporting, e estive convocado para alinhar na ponta do ataque — no lugar que hoje pertence a Jesus Correia — contra o Benfica. Porém, dias antes do encontro, e por questões familiares, fui obrigado a regressar a Grândola sem ter jogado...

— Como encarou o primeiro desafio que fez pelo Atlético?

— Com calma. Procurei convencer-me de que estava, ainda, no clube donde viera, e que portanto nada teria a estranhar. Para dar mais reforço ao que puz no pensamento, lá estava o Caninhas a meu lado, por isso nada me enervei. Estranhei um pouco, é certo, o andamento imposto à partida, que é necessariamente diferente do da Divisão donde vinha, mas depressa me adaptei. Procurei jogar à vontade, e creio que o conseguí.

— Qual a equipa que mais gosta de defrontar?

— Todas; mas há uma que pelas características especiais que põe na luta, fornece mais motivos para a gente gostar de a defrontar: é o Benfica.

— E dos guarda-redes. Há algum que mais goste de ver batido pelos seus remates?

— Sim, é Azevedo. Bem vê... é o guarda-redes n.º 1. O golo que marquei na sua baliza, no Lumiar, foi uma grande alegria para mim, por dois motivos: porque o bati e por-

que o obriguei a lançar-se para o lado oposto àquele para onde rematei. Foi um grande momento da minha carreira!

— Tem outros, agradáveis também?

— Sim, alguns, embora a minha carreira de desportista seja relativamente curta.

— Conte-nos um.

— Talvez não tenha interesse, mas sempre lhe direi. Foi num encontro que o Onze Unidos do Montijo disputou contra o Paio Pires, no Campeonato Nacional da II Divisão. Vencemos por 7-0, e fui eu o autor de todos os golos. Esse dia representei para mim uma enorme alegria.

nando afinadamente o esquerdo, e tenho a certeza de que hei-de vir a empregá-lo com mais eficácia do que o direito. E o meu treinador concorda comigo, pois insiste em que eu o empregue com frequência.

— Sente-se em boa forma física?

— Absolutamente. Não só compareço a todos os treinos, como faço muita ginástica todos os dias. E isso ajuda-me bastante. Nunca sinto os músculos «presos» e aguento à vontade o andamento dos jogos.

— Faz mais algum desporto?

— Não. Só o futebol. É a ele que devo o meu magnífico físico, pois quando comecei a praticá-lo era pouco mais que «enfizado»...]



Vital conversa à vontade com o nosso representante. O dr. Abrantes Mendes segue com interesse a troca de perguntas e respostas... Vital é um rapaz simples e modesto: gosta do Atlético, mas não esquece o seu primeiro clube, o Sport Clube Grandolense

Há na minha carreira outra grande vitória: na última época fui o melhor marcador do distrito de Setúbal, pois em oito jogos marquei 38 golos, o que ficou como recorde.

— E na época em curso?

— Marquei oito golos. Não é muito, bem sei, mas espero vir a melhorar.

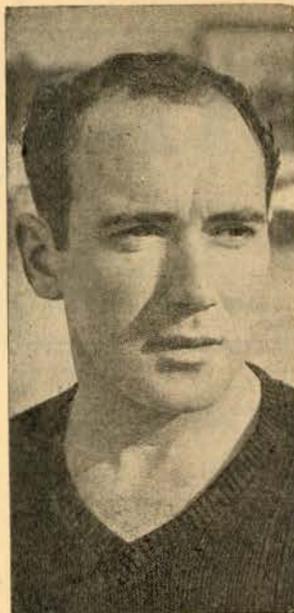
— Remata com os dois pés?

— No Montijo, marquei golos com qualquer deles. Actualmente, emprego mais o direito, mas estou trei-

Sentimos aproximar-se o momento de encerrar a reportagem, não só porque o nosso interlocutor deve estar fatigado, como também porque o seu treinador — o amável dr. Abrantes Mendes, um ídolo de que o Sporting se orgulhou como jogador e o Atlético muito preza como técnico! — aguarda o momento de po-

Rosa de Matos

(Continua na pág. 6)



DR. ALBERTO GOMES
Um grande «interior» do passado

É inegável a solidés tática do W M.

A sua concepção, produto do pensamento de um britânico, é enformada por um sentido prático que nenhum outro método conheceu e, talvez por isto, a adaptação do sistema ao futebol de países em que a ideia do jogo prevalece sobre quaisquer outras, não tenha sido tão rápida quanto seria de prever.

Seja como for, o caso é que não se compreendem já certas resistências, entre as quais avulta (avultou...) a dos espanhóis, de resto possuidores de qualidades magníficas, possivelmente como não as tem qualquer outro povo latino, para se integrarem no processo.

Nós, portugueses, cujo futebol recebeu, nos primeiros tempos, a visita assídua de grupos da Europa Central, sobretudo checos, não nos deixamos influenciar profundamente, nem mesmo depois da permanência de muitos treinadores de igual origem. As tentativas de assimilação ficaram limitadas ao Vitória de Setúbal, ao Barcelense, am

A tática do W M

O «estilo» dos grandes interiores modernos (1)

pouco ao União de Lisboa e em tanto ao Bonvista.

O Benfica, o Sporting e o Futebol Clube do Porto já mais procuraram copiar-lhe a mecânica e o próprio Caravelinhos, conhecido pelo «Sparta de Alcântara», era um «team» vivo de mais para se parecer com a famosa, mas lenta equipa de Praga...

* * *

«O W M arrasa e estoura os interiores» — argumentam os que discordam dele.

Os interiores são, com efeito, os homens que dentro do sistema dispõem de mais espaço para manobras.

Se carecem de ser tão rápidos, mais cerebrais e dotados de uma capacidade de resistência e de um espírito de sacrifício acima dos outros, eles terão de ser, essencialmente, absorventemente, homens dados e entregues ao jogo.

«Por exigir dos jogadores predicações especiais, o W M cerceia de algum modo a sua utilização», — dizem ainda os que o negam.

Neste ponto cabe-lhes uma certa razão, embora de maneira alguma o processo seja fechado ou inacessível aos que não possuem todas as qualidades ou características por ele impostas.

Um Pireza seria incomparavelmente melhor no ataque em linha do que numa formação de saliências e reentrâncias como no W M, mas isto não significa que ele ou outro jogador da sua índole não pudessem servir o método.

A comparação entre os «meios-pontos» da «Ral» e da selecção inglesa que em Maio jogou no Estádio Nacional, elucida claramente. Dougall e Brown, muito menos vivos do que Mannion, foram igualmente interiores atilísimos. Mas menos elástico foi o caso da adaptação de Mortensen a interior. Estruturalmente avançado-centro, Mor

tensen era, na selecção, um meia-ponta com a missão, por assim dizer exclusiva, de rematar.

Conclusão: um jogador pode ser mais ou menos eficiente, segundo os sistemas, mas seja qual for o sistema, ele será capaz de produzir bom rendimento, desde que o saiba integrar no processo.

Caso contrário, a culpa não será do jogador, nem do sistema...

* * *

Talvez neste momento o futebol português não possua os seus melhores interiores de sempre.

Travassos não é ainda um Artur de Sousa. Araújo não atinga, por enquanto, a metéorica, mas rutila classe de um Alberto Gomes e nem qualquer das outras promessas parece aproximar-se do caminho percorrido por um Armando Martins.

Note-se que nós somos de opinião absolutamente oposta aos que proclamam, se não o retrocesso, o estagnamento do futebol português.

Progredia-se muito e, naturalmente, mais se teria progredido se não fossem várias coisas, entre as quais a carência de um maior número de bons técnicos e treinadores, a falta de campos relvados. (A primeira será uma determinante das outras... É-o, com certeza).

Todavia, o facto do nosso futebol não contar, presentemente, com interiores da categoria de um Sousa, de um Gomes ou de um Martins, não nos conduz a outra conclusão que não seja esta: as dificuldades criadas pela moderna missão dos interiores.

(Um golpe de vista pelo futebol de outros países leva-nos a conclusão semelhante.

Na realidade, parece haver



ARAÚJO

Um grande «interior» do presente

por toda a parte, como que uma crise de grandes interiores. Na constelação futebolística desses povos, os interiores não são, actualmente, as estrelas que mais brilham...

O W M tem neste eclipse uma certa acção.

Foram mais fulgurantes os interiores excepcionais de outras épocas. O lugar não tinha, então, exigências especialíssimas, como agora.

Será isto razão para se condenar ou abolir o método? — De modo algum.

Como não terá de buscar-se, muito menos «criar-se», esse tipo de jogador, que começa a despontar prodigamente, embora sem ter desabrochado por completo, encaminhe-se o seu desenvolvimento, partindo do princípio que ele terá de ser um jogador extraordinário, — dotado do maior espírito de renúncia pela glória, mas da maior dedicação pela equipa.

Adriano Peixoto

Duma regortagem com VITAL

(Continuação da pág. 5)

der prosseguir com o seu pupilo a lição que interrompem. Poucas perguntas, portanto, poderemos pôr.

— Quais os jogadores que mais admira?

— Da minha equipa, todos, diz-nos Vital. Das adversárias, sou incondicional admirador de Azevedo e de Francisco Ferreira — um homem que gosto de ver lutar, pela generosidade que dá à luta.

— Qual a sua ambição maior?

Vital é rápido na resposta a que imprime um cunho de admirável franqueza:

— Em vez de uma, duas: atingir o máximo da minha carreira, conseguindo ser internacional, o que não me parece difícil, pois sou ainda

muito novo, e acabar os meus dias de futebolista envergando a camisola com que comecei: a do Sport Clube Grandolense, o clube da minha terra, de que já mais me esquecerei, e de que sinto uma saudade imensa. Foi lá que comecei a convencer-me de que «certava na borraça» — como mo demonstrava o guarda-redes do clube de Sines, que abandonava a baliza quando me via correr para ela com a bola nos pés — e é lá que quero dar o meu último pontapé... Quando chegar o dia do Atlético — cuja camisola defenderei com alma — dispensar os meus serviços, podem os desportistas da minha terra reservar um lugar na sua equipa para o conterrâneo que nunca os esquece.

R. M.

FAMALCA

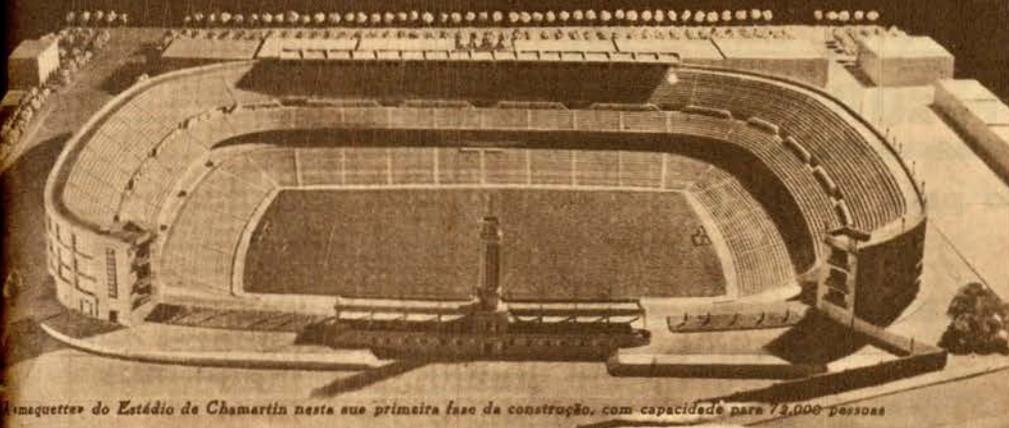
Farinha com extracto de malte e sais de cálcio (isenta de leite)

Mesmo em verdadeiros estados mórbidos do aparelho digestivo a farinha Famalca produz magníficos resultados.

A farinha Famalca é emilicada, maltosada e com sais orgânicos de cálcio e um poder nutritivo de 385 calorias por 100 gramas.

A classe médica aconselha a Famalca, por ser um produto indispensável às crianças e convalescentes

Um produto da Secção Diatéctica da Fábrica de Chocolates Favorita



Maquetes do Estádio de Chamartín nesta sua primeira fase da construção, com capacidade para 72.000 pessoas

Com o desafio REAL MADRID-BELENENSES inaugurar-se-á o campo de CHAMARTÍN

Crónica de RAMON MELCON (Especial para "STADIUM")

JÁ é um facto a inauguração do novo campo de Chamartín. O Real Madrid, actual campeão de Espanha, que tem disputado os seus encontros no Estádio Metropolitano pertencente ao Atlético madrileño, vai ter dentro de dias um campo digno da sua história e do seu prestígio. A aficção, cada dia mais crescente, que existe em Espanha, obrigava o Real Madrid a possuir um campo em condições de albergar os milhares de aficionados que o seguem e que pretendiam em vão presenciar as partidas em que o clube intervinha. Para dar uma ideia da massa de seguidores do clube branco, basta dizer que na actualidade conta 42.000 sócios, tendo todos o direito de assistir aos encontros que a sua equipa dispute no seu campo.

E o antigo campo de Chamartín não tinha capacidade senão para 29.000 espectadores, posto que nos dias solenes (que eram quase todos!) chegasse a levar 25.000 pessoas. Como se verifica, o velho campo era totalmente insuficiente para dar guarida somente aos sócios.

A Junta Directiva do Real Madrid pensou que era necessário construir um novo campo, coisa difícil de fazer somente à custa de um clube de futebol, por muito popular e poderoso que seja. E os dirigentes brancos, que tinham encontrado no clube um déficit de vários centos de milhares de pesetas não podiam emprender uma obra de tal envergadura.

Pensaram em emitir obrigações no valor de vários milhões de pesetas. E se o pensaram, melhor o fizeram. O êxito foi enorme. A emissão foi coberta e ultrapassada, havendo que pagar as obrigações. Uma nova emissão, necessária para atender aos gastos cada vez maiores pelo aumento dos materiais e de mão de obra,

teve a mesma sorte que a primeira.

Enfim, no dia 14 de Dezembro, abriu as suas portas o novo campo de Chamartín. E pensou-se que o que estava indicado para essa sessão inaugural seria uma equipa portuguesa. Por afinidade, por temperamento, por razões de irmandade e carinho, Portugal tem em Espanha um ambiente magnífico entre os desportistas. E a equipa do Belenenses, que tão estreitas e excelentes relações mantém com o Real Madrid, desde que veio à capital de Espanha jogar no velho Chamartín um desafio em benefício de Jesus Alonso (partida que vive o prazer de arbitrar), foi a eleita para a referida inauguração.

Não estará acabado completamente o novo estádio a 14 de Dezembro. Calcula-se a conclusão das obras lá para a próxima época. Porém, de momento, o campo terá uma capacidade para 72.000 espectadores. Quando acabado, chegará a cerca de 100.000.

O novo estádio todo construído em cimento ocupa uma área de mais de 528.000 pés quadrados.

O campo de jogo é um rectângulo de 111 metros de comprimento por 74 de largura, coberto por um verdadeiro tapete de relva semeada há mais de ano e meio e várias vezes cortada. A sua situação é muito próxima ao antigo campo de Chamartín, pois o actual espaço da geral ocupa parte do velho terreno de jogo e da velha tribuna de preferências.

Para o acesso ao campo abriram-se várias ruas novas e prolongou-se o esplêndido passeio de la Castellana, actual avenida do Generalísimo, o que facilita grandemente a entrada e saída dos espectadores.

O novo estádio, cujo custo até agora é de 80 milhões de pesetas

compõe-se de três andares. A parte baixa consta de ampla escadaria, cuja parte superior está coberta por anfiteatros salientes, como pode apreciar-se nas fotografias que publicamos. Nela estará situado o palco presidencial. Esta escadaria é ao redor de todo o campo.

O primeiro andar é constituído pela saliência que serve de tecto à tribuna do andar de baixo e chama-se «primeiro anfiteatro». O segundo andar chamado «segundo anfiteatro» é a continuação do primeiro, com uma diferença de dois metros e meio entre um e outro.

As condições de visibilidade do estádio são extraordinárias, pois do sítio mais longe pode ver-se o jogo por completo. Apesar da grande capacidade do campo, o espectador mais afastado do terreno de jogo encontra-se sómente a 43 metros do

mesmo, o que se conseguiu com a construção das escadarias em vários andares.

Os aficionados portugueses que conhecem o estádio de Riazor na Corunha podem fazer uma ideia do que é o novo Chamartín. Nesta primeira etapa da construção, ficaram por terminar o primeiro anfiteatro e o segundo na parte da geral, os quais serão construídos totalmente na segunda etapa da obra. De momento, sobre a escadaria do geral construiram-se em vez dos anfiteatros, uma pergola e a grande torre do marcador.

É grande a expectativa existente não só em Madrid mas em Espanha inteira pela inauguração do novo recinto desportivo. De todas as províncias chegam pedidos de localidade para os encontros inaugurais, que serão três. O primeiro, Madrid-Belenenses, no dia 14. Na terça-feira, 16, jogará o Belenenses contra outra equipa estrangeira cujo nome não se sabe exactamente, pois há negociações entabuladas com o Torino, campeão de Itália, e com o Charlton, vencedor da Taça da Inglaterra. E no dia 18, jogará o A. Madrid contra outra equipa que o visite.

Como resultado do Torneio entregar-se-á ao vencedor um valioso troféu instituído como recordação da inauguração do grande estádio.

O futebol madrileño está de parabéns! Por fim vai ter um campo capaz para os mais importantes acontecimentos. E os madrileños andam alvoroçados porque, ao cabo de dois anos, poderão assistir aos desafios que joga a sua equipa, no seu próprio campo, o que evitará muitas questionculas com os sócios do Atlético.

Apesar de não estar ainda designado o campo em que há-de disputar-se o Espanha-Portugal de 21 de Março, é quase seguro que o novo estádio de Chamartín será o cenário de tão importante encontro, com o qual sonham todos os aficionados espanhóis.

R. M.



O estado das obras do novo campo de Chamartín tal qual se encontram actualmente

O melhor resultado da jornada

foi obtido pelo Sporting da Covilhã

Eis os resultados gerais da primeira jornada:

Vila Real-Oliveirense	3-2
Famalicão-Académico do Porto	3-1
Salgueiros-Vianense	3-3
Leixões-Saioanense	4-1
Naval-União de Coimbra	3-1
Sporting Covilhã-S. L. e Viseu	11-0
Leões de Santarém-Ferrovários	1-2
Ginásio Alcabala-S. L. e Castelo Branco	1-1
F. Benfica-Operário	2-2
Oriental-Barreirense	2-2
Luso Barreiro-Casa Pia	1-3
Cuf do Barreiro-Onze Unidos	2-1
Lusitano Évora-Portalegrense	2-4
Campanalorense-B. Esperança	2-0
D. Beja-União Montemor	3-0
Moura-Portimonense	1-3

Na lista dos resultados encontramos já surpresas. Não diremos que o facto do Sporting Clube da Covilhã haver ganho por 11-0 ao campeão de Viseu, filial do S. L. e Benfica, mereça especial realce, nem que a vitória do Leixões sobre a Saioanense, por 4-1, possa entrar nos mesmos domínios. Todavia, a passagem dos caspianos pelo Barreiro merece ser assinalada, como o empate do F. C.

A "Taça Associação" de Aveiro

foi ganha pelo clube de Agueda

A «Taça Associação» instituída pela Associação de Futebol de Aveiro teve no domingo último o seu epílogo, sendo finalistas o Recreio de Agueda e o Clube Desportivo de Estarreja.

O «team» de Agueda ganhou o Torneio, derrotando o seu adversário por 1-0, golfe feito na segunda parte por Martins.

Os finalistas foram dignos rivais, e o seu valor apresenta-se nivelado. Na 1.ª «meia», em Agueda, venceu o grupo local por 1-0, e na 2.ª «meia», em Estarreja, levaram a melhor os estarrejenses por 2-1.

O desafio de Aveiro, campo sorteado, decidiu o pleito a favor do Recreio que, na verdade, no conjunto dos 3 encontros, mostrou mais saber e conjunto que o seu adversário, embora este mostrasse características de energia e espírito de combatividade incedíveis. O suficiente para nivelar a luta.

Ao campo de Aveiro deslocaram-se cerca de mil e quinhentas pessoas, de Agueda e Estarreja, transformando esta «final» num grande acontecimento local, o que prova a força dos dois clubes finalistas, um dos quais, o Estarreja, é de recente fundação mas tem já um passado brilhante.

No fim do jogo, os apeniguados de Agueda deram largas ao seu entusiasmo e satisfação.

Como prémio pela conduta dos seus elementos, a direcção do Clube Desportivo de Estarreja oferece aos seus jogadores uma viagem a Lisboa para assistirem ao Portugal-França.

Barreirense em Lisboa, contra o Oriental, a vitória do Portalegrense em Évora ou o empate do Vianense no campo do Salgueiros. E ainda a vitória da A. Naval sobre o União de Coimbra.

Claro que se trata da primeira jornada, e todos os resultados podem rectificar-se.

Os grupos de Lisboa tiveram a seguinte acção: Oriental-Barreirense; Casa Pia-Luso do Barreiro; e Futebol Benfica-Operário. Três dos grupos, empataram: Oriental, Futebol Benfica e Operário, estes dois em pura perda de um... O Casa Pia, embora visitante saiu-se arosamente do jogo que lhe veio a calhar, fora de casa.

Foi renhidamente disputado o desfilio Oriental-Barreirense. Os visitantes marcearam primeiro, por Magno, obtendo Abrantes tento de empate. Eis como alinharam ambas as equipas:

Oriental — Reis, Cruz, Morais, Carlos, Isidoro, Custódio, França, Ferreira da Silva, Vicente, Abrantes e Reu.

Barreirense — Francisco Silva, Magno, Pessoal Carlos Silva, Gerónimo, Ricardo, Baptista, Serra, Jordão, Martins e Cândido.

Este encontro foi dirigido por Cunha Pinto, da A. F. Setúbal.

Pelo resultado, verifica-se que o Barreirense possui equipa bem capaz de dar réplica aos melhores conjuntos. Porque o Oriental, vencedor do Belenenses e do Estoril no último

campeonato de Lisboa, também será com certeza candidato a um lugar honroso neste Torneio da Segunda Divisão.

Os orientalistas dirigiram as operações, sem dívida alguma, mas a defesa do Barreiro, especialmente o seu guarda-rede Francisco Silva, deram boa conta de si e não se deixaram derrotar.

Entre os grupos lisboetas Futebol Benfica e Operário não se passou do empate. Vê-se que as duas equipas não esqueceram a sua recente faina do campeonato de Lisboa, pois fizeram o possível por discutir velhas questões de superioridade.

Que o jogo foi duro mostra-o este facto: — a expulsão de Dias e Abel, um de cada clube. Os homens de Benfica chegaram a situação vantajosa, mas o Operário, nos últimos minutos da partida, transformou uma grande penalidade e garantiu o empate.

FUTEBOL BENFICA — Aníbal, Henrique, Diogo, Edmundo, Brito, Nogueira, Lourenço, Carvalho, Inácio, Jorge e Dias.

OPERÁRIO — Délio, Diamantino, Galileu, Suter, Rogério, Amorim, Mota, Parreira, Bernardo, Aníbal e Abel.

Árbitro — Mário Ribeiro.

Bom resultado conseguiu o Casa Pia no Barreiro, contra o Luso, como já se disse. Os lisboetas abriram

cedo as hostilidades, mas o barreirense Malacuto empatou o jogo perto da meia hora.

Marcou o Casa Pia mais duas bolas na segunda parte, por intermédio de Prates, e já quando se não esperava mais do que o empate. O Luso do Barreiro não pôde responder, por já ser tarde, mas a vitória assenta bem no conjunto caspiano.

As equipas:
LUSO — Bailão, Mota, Bucho, Dias, Vaz, Campos, Covas, Campos 1.º, Valente, Guimaraes e Malacuto.

CASA PIA A. C. — Romisio, Marques, Pais, Frazão, Medeiros, Carvalho, Carmo, Dias, Prates, Coutinho e Garção.

Árbitro — Luís Vilaça, da A. F. L.

Pela zona do Norte, também há para registar as dificuldades do campeão transmontano, que venceu os oliveirenses do distrito de Aveiro por 3-2. Claro que o Oliveirense tem nome que chega para ganhar fora de casa, mas o Sport, de Vila Real, mesmo contra excelentes equipas, costuma impor a sua classe.

Há ainda outro resultado pouco expressivo: — a vitória do Famalicão, vencedor do campeonato minhoto, por 3-1, contra o Académico do Porto. Querá dizer que os alvi-negros do Lima são capazes de boa prova?

Outra surpresa: — a vitória da Associação Naval, da Figueira da Foz, frente ao União de Coimbra. Os campeões da cidade do Mondego têm pouco jeito para vencer os figueirenses, e o 3-1 do último domingo não deixa de ser sintomático.

Vejamos agora quem venceu no campo do adversário: — Ferrovários do Entonramento (em Santarém), Casa Pia (no Barreiro), Portalegrense (em Évora) e Portimonense (em Moura).

OQUEI EM PATINS

Paço de Arcos e Sintra

em igualdade no Campeonato Nacional

Está-se tornando realmente difícil vaticinar (e os mistérios da adivinhação nunca foram o nosso ponto forte) como acabará este IX campeonato nacional de oquei em patins porque o Paço de Arcos e o Sintra, continuando uma rivalidade alicianante, mantem-se a par, na classificação, com igual número de pontos! Ambos contam duas derrotas: as dos campeões frente ao Académico do Porto; as dos sintrenses diante do Paço de Arcos. Por isso a próxima visita do Infante de Sagres a Lisboa redobra de interesse e tem capital importância para os dois clubes do Sol.

Na primeira deslocação — do Oquei de Sintra ao Porto — os sintrenses portaram-se maisíssimo bem. Ganharam ambos os desafios: ao Académico por 1-0 e ao Infante de Sagres por 4-2. Desde logo, pois, duas excelentes vitórias — que situaram a equipa no melhor lugar. Mas como o Paço de Arcos ganhou ao Sin-

tra, por 6-2, a posição dos dois clubes mudou inteiramente de figura — e os campeões passaram, desde logo, a ter vantagem.

Em seguimento de prova, o Académico foi o primeiro clube do Porto a visitar Lisboa, tendo perdido com Sintra (1-0) e ganho ao Paço de Arcos (7-4) em noite de inspiração para si e de remeteda fatalidade para os campeões! Que, diga-se, apenas não apresentou Jesus Correia...

A «repetição» Paço de Arcos-Sintra deu novo triunfo (4-2) aos campeões nacionais — que, assim, reforçaram a vantagem!

No entanto, como na sua ida ao Porto os campeões voltaram a perder com o Académico (2-4), repôs-se novamente a igualdade entre os dois — que se mantem pela vitória do Paço de Arcos sobre o Infante de Sagres: 7-2. Por seu turno este ganhou ao Académico (8-2).

Eis a classificação actual.
Paço de Arcos, 5 jogos, 3 vitórias, 2 derrotas, 22-17 golos e 11 pontos; Oquei de Sintra, 5 j., 3 v., 2 d., 18-13 g., e 11 p.; Académico, 5 j., 2 v., 3 d., 14-24 g. e 9 p.; Infante de Sagres, 3 j., 1 v., 2 d., 12-15 g., 5 p.

Aos nossos agentes leitores, colaboradores e amigos

Stadium já se encontra instalada na sua nova Sede, na RUA DA ROSA, 252, 1.º, sendo para esta direcção que deve ser enviada toda a correspondência.

O CURSO de Belém

O curso de jogadores de futebol dirigido pelo jogador Artur Quaresma, e iniciativa do Belenenses, aliás, seguida por outros clubes tais como o Oriental e o Estoril será esta noite oficialmente inaugurado nas Salésias.

A margem do trabalho prático, em campo, ou propriamente da lição teórica do tabuleiro, o Belenenses resolveu levar a cabo uma serie de palestras com o fim de completar aquela actividade, arreigando ao mesmo tempo no espirito do futuro jogador o amor pelo clube, e levando-o a pôr a sua intelligência ao serviço do jogo não só pela explanação de problemas e theorias como pela sua análise.

O curso será inaugurado com duas palestras: o sr. dr. Coelho da Fonseca falará do Belenenses, evocando as mais belas figuras que floresceram no canteiro de Belém; e Tavares da Silva, nosso camarada de trabalho, enunciará as grandes linhas e principios do jogo de futebol, racionalizado.

Sabemos que, para esta época, se projectam belas iniciativas que dizem respeito a estes jogadores.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Bocadinhos de ouro!

De uma entrevista de Rodrigues Teles no «Mundo Desportivo», com Eládio Vascheto, treinador do Porto:

— Pode comparar o futebol português com o espanhol?
— Posso. Mas o balanço é favorável, em parte, aos portugueses. Sinceramente. No entanto, se a Espanha quiser trabalhar, isso é verdade, poderá apresentar belas equipas dentro de pouco tempo. Luta-se no campo da tática, perdendo-se oportunidades...

De Cândido de Oliveira falando em «A Bola» da organização de provas em Portugal:

— O sistema inglês não é susceptível de perfeita adopção em Portugal, pelas condições particulares do nosso futebol e para as quais há que entrar em linha de conta com os meios de transporte, morosos e caros, e com o flagrante desnível de valor futebolístico existente entre as diferentes Associações regionais, nalgumas das quais há apenas dois ou três clubes em contraste com Lisboa e Porto, com uma já apreciável densidade de clubes.

Do comunicado da Comissão Central às Comissões Distritais de Arbitros e seus dependentes:

— Deve aplicar-se a lei com o máximo rigor, sem hesitações nem complacências, nas situações de jogo violento e nas agressões, reprimindo-as custe o que custar — para que os terrenos de jogo não se transformem em teatro de batalhas campais.

Corre que...

Azevedo, o guarda-redes do Sporting e da Seleção Nacional, vai ter um taxi na praça, em Lisboa, conduzido por ele mesmo, e comprado pelo Sporting. Nada mais justo.

↔ O desafio da Federação Nacional contra o F. C. do Porto, cuja organização estava prevista em 15 contos, não se disputou nas Salésias em virtude das despesas de organização, nessa hipótese, incluindo impostos, subirem a 12 contos.

↔ Cada semana dá-nos o boato de que Patalino irá para Espanha. E cada semana nos dá igualmente o desmentido.

↔ Verificou-se, com satisfação, pela radiografia, que o médio Serafim, do Belenenses, não havia fraturado os ossos próprios do nariz no treino da semana passada, como chegou a aventar-se.

↔ Rogério, o ponta-esquerda do Benfica que se encontrava no Brasil foi dispensado completamente pelo Botafogo por decisão de Oadino Vieira, o técnico do clube, regressando brevemente a Portugal.

↔ A deslocação do Belenense, na inauguração do campo de Chamartin tinha sido combinada a quando da visita do Real Madrid a Lisboa. O Belenense já pediu a autorização para se deslocar, certo que o Vitória de Setúbal concordará com a transferência do jogo oficial para outra data.

Os juniores em acção!

Os Campeonatos de Juniores estão definitivamente lançados! E' pena que não haja, por enquanto, uma prova para jogadores de menos de 16 anos, pois, desse modo, o Campeonato de Juniores atingiria ainda com maior perfeição o fim em vista. E haveria racionalidade na sequência das provas. Mas não há dúvida que os Campeonatos de Júniores, por toda a parte e principalmente em Lisboa, são objecto dos maiores cuidados clubistas. O torneio de Lisboa começará no próximo dia 30, e nele participam 31 teams! O Benfica com 3 equipas, o Sporting, com 2, o Casa Pia com 2, e o Atlético também com 2 equipas.

Mas o esforço que os clubes veem a desenvolver no sentido de fazerem jogadores nas suas fileiras não é apenas do domínio dos grandes clubes, mas também das colectividades modestas.

Os concorrentes foram divididos em 6 series, as quais ficaram constituídas da seguinte forma:

I — Benfica B, Casa Pia A, Estrela Amadora, Futebol Benfica, e Tarujense. II — Alverca, Sacavenense, Águia Vilafranquense, Alhandra, e Operário Vilafranquense. III — Desportivo Operário, C. P., Sporting A, Operário, Casa Pia B, e Oriental. IV — Cascais, Parede, Estoril, Belenenses, e Atlético B. V — Mirantense, Cascalheira, Arroios, Sporting B, e Benfica A. VI — Benfica C, Atlético A, Vitória, Esperança e Palmense.

Há resposta para tudo...

Estamos atzados nas respostas. Mas algumas demandam pesquisa aturada. A seu tempo as publicaremos, pondo ordem numa Secção que, pelos vistos, tem o agrado dos leitores.

P. 567 — Entre Peyroteo e Sidónio, quem faria o sr. alinhar? Não acha que Sidónio dá mais luta? (De um sportinguista de Braga).

R. 567 — Peyroteo está a boa distância de Sidónio, embora este seja um bom elemento e, como diz muito bem, de muita luta à defesa adversária. Que o diga Feliciano...

P. 568 — Tenho reparado que só publicam entrevistas com os jogadores de Lisboa: porque não fazem o mesmo com os dos outros clubes? Podem vender-me a foto do S. C. P. vencedor do Nacional de 1946-47? (De Eduardo Moreira Queirós, do Porto).

R. 568 — Este número demonstra o contrário do que afirma. O Campeonato Nacional proporcionou essas entrevistas. A foto do S. C. P. está esgotada.

P. 569 — Eu e meu irmão falamos acerca do falecido Miguel Siska, de Azevedo e de Roquete. Tivemos uma discussão porque ele dizia que, Azevedo, nas suas melhores temporadas, tinha sido melhor guarda-redes do que os outros dois, também nas suas melhores temporadas. Eu digo porque já li num jornal português de desporto que Miguel Siska foi sem dúvida melhor guarda-redes seguido de Azevedo e depois Roquete. Para confirmar, podia dar-me uma resposta? (De José da Costa Marins, do Porto).

R. 569 — Em breves linhas, pois uma resposta concreta deveria apresentar as características dos 3 famosos guarda-redes, dir-lhes-emos que o nível dos três homens deve estar sensivelmente à mesma altura. No entanto, Azevedo é o mais completo dos três aliando às mesmas qualidades de agilidade, golpe de vista e rapidez de execução, um conhecimento profundo do lugar que nem Siska nem Roquete tinham. Deploramos dar razão a um dos lados, mas penso que o outro não deve ficar zangado conosco, por expor o que pensamos.

NOTA — Neste número ou em antecedentes, já respondemos às perguntas de: «Adepto do Desportivo de Monção»; João Tavares; José Gregório dos Santos do Barreiro; e Manuel Artur Alva, de Gavaios.

... Sobre a selecção portuguesa!

A Seleção portuguesa de futebol deve ter treinado ontem de manhã, no Estádio Nacional, contra o Casa Pia. Pós-se novamente de lado o sistema dos desafios formais, regressando-se à fórmula do treino, na verdade, ainda a melhor de todas...

Se não surgirem quaisquer entraves, não andaremos longe da verdade afirmando que o pensamento dos 3 membros da Comissão da Seleção é pôr em campo a seguinte linha:

Azevedo; Alfredo e Feliciano; Amaro, Moreira e Serafim; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

A única dúvida deve estar em Alfredo, pois se Barrosa se puder bom, será ele o preferido. Fala-se ainda na chamada de um defesa da Segunda Divisão (do Futebol Benfica!), mas é evidente que já não há tempo para experiências.

Como suplentes, ficarão os restantes da lista: Barrigana (e Rogério, caso aquele não se ponha bom), Francisco Ferreira, Carvalho, Araújo e Bravo.

Sempre julgamos que os suplentes devam ser indicados de maneira a haver pau para toda a obra cobrindo-se qualquer lugar em caso de necessidade. Mas a verdade é que o principio foi posto de lado, como se verifica pelos nomes chamados.

Os jogadores seguem para estúgio na próxima quarta-feira, mais um dia do que o previsto (e nem se percebe porque não seguem na terça!) o qual se efectuará no hotel do Monte Estoril, voltando-se a preferir a praia à tranquilidade do campo.



A equipa de honra do Sporting Club de Braga que veste a «Arsenal» de Londres



Rogério defende com segurança! Eloi acorre, mas a muralha constituída por Fernandes e F. Fernandes o caminho



Os homens de Braga atacaram com impeto, mas Rogério estava muito atento!



A bola vai a caminho das balizas do Benfica, e todos os jogadores se preparam para a receber condignamente...



Um vôo no estilo impressionante do guarda-redes nacional!



O jogador atlético já não chega a tempo. A defesa está feita, e feita, por Azevedo



Um ataque em massa do Sporting! Vasques joga de cabeça e Peyroteo segue com o objectivo de colaborar. Verissimo e Travassos reforçam o ataque!



Sob a presidência do sr. dr. António Ribeiro Ferreira, o Sporting teve um jantar de homenagem aos componentes da sua 1.ª categoria, que brilhantemente conquistou a «Taça de Honra», no qual tomaram parte representantes dos jornais da especialidade. Foi uma festa encantadora!

Começou a disputar-se a maior prêmio do Futebol Português



A defesa do Elvas em actividade! Há um jogador do Porto que ainda tem esperanças...



Fotos HERMANN

Uma defesa vistosa de Semedo!



Um remate dentro da grande área do Elvas...



Dois curiosos aspectos do encontro Saignetos-Vianense que terminou com um empate a três bolas. No lado direito vê-se como o Vianense conseguiu o empate



LEVI reaparece em grande forma para ganhar a WILSON, por pontos

«A curva descendente da forma não é de declive constante; admite altos e baixos»

O recente triunfo de Beni Levi na quinta-feira, põe em equação o seguinte problema: «Quando é que um pugilista decadente está gasto por completo?»

A resposta, tivemos-la no Estádio Mayer, firmada por mão de mestre. Resumida em poucas palavras, tem a seguinte redacção: «A curva descendente da forma não é de declive constante; admite altos e baixos. Depende de factores, menos fixos e permanentes que outrora; essa instabilidade é um elemento característico da descida».

Assim é, com efeito. Quem houver assistido às últimas exhibições de Levi e as coteje com o seu comportamento de agora notará uma desigualdade flagrante —

iamos dizer, uma discrepância — desta para aquela exhibição.

O factor moral, por exemplo, é decisivo. E num temperamento como o de Levi sobrepuja os restantes.

Carlos Wilson não é adversário fácil. Que o digam Guilherme Martins e Larsen, por exemplo. E' rijo, vicioso a combater, bate duro e é veloz. A sua integridade física também é completa.

Ora Levi venceu-o de maneira indiscutível e por abundante margem de pontos, elevando-se, de novo, ao lugar de primeiro rival do campeão. Só falta que Larsen se pronuncie sobre o assunto, também.

O combate teve a caracterizá-lo o sentido tático de Levi. Actuou com grande inteligência. Primeiro,

deslocando-se sistematicamente para a direita e conservando o punho esquerdo em condições de parar as investidas do punho contrário de Wilson; segundo, atacando o estomago de Wilson, sem descobrir a cara, em guarda-baixa, sobre esquivas para a direita.

Neutralizada, assim, a arma mais perigosa de Wilson (como acontecera na noite em que Levi combateu com Larsen) tudo o mais se tornou quase fácil.

Durante dez rounds foram escassas as oportunidades que o africano teve deante de si.

Os conselhos apurados de Basílio de Oliveira, a sua experiência, o seu prestígio, nada puderam contra uma inspiração excelente e uma forma apurada.

Levi deve continuar cultivando o seu punho esquerdo e praticando os jabs. Entregue a Manuel Matos (segundo supomos) pode conservar-se num lugar proveniente se boxar em vez de batalhar. Para batalhar como qu-

trora falta-lhe o encaixe antigo e, por isso, não deve insistir.

A meio do combate magou o punho direito e se não fosse o emprego judicioso do esquerdo teria sucumbido ou triunfado difficilmente.

A nosso ver, foi este um dos mais notáveis combates de Levi. Boxou e batalhou quando se impunha uma ou a outra maneira de jogar. Racionando consumiu pouco influxo nervoso e chegou a ser brilhante, por vezes.

Que pena não ser sempre assim!

Os outros combates da sessão tiveram brilho menor.

António de Figueiredo, com todos os seus vícios de técnica foi punido por Kid Adriano, e revelou-se pouco treinado.

Os amadores — conforme é de imaginar — mostraram o mais cabal desconhecimento dos princípios elementares do jogo do boxe. Alguns nem soletram o *abc* e outros têm uma *caligrafia* péssima. Tudo por falta de bons mestres...

O profissional Manuel Duarte abusa imenso das poses plásticas — sem dar um soco. E' um baxeur cheio de reticências...

Resultados técnicos da sessão: Samuel Nobreza derrotou Fernando Chaves, por pontos (4 rds.); Afonso Garcia bateu Fernando Pêres, por pontos (6 rds.); Manuel Duarte e António Matos empataram (6 rds.); Figueiredo ganhou a Kid Adriano, por pontos (8 rds.); e Levi derrotou Wilson em 10 rds. (pontos).

R. Barradas

OQUEI EM PATINS

Lugar aos NOVOS

OS bons exemplos devem seguir-se. Assim manda a boa lógica. E, em verdade, a louvável iniciativa da Associação de Patinagem do Sul, promovendo a «ressurreição» do campeonato de juniores — que apenas duas vezes se disputou: em 1941 e 42 — contribuiu para aguçar o apetite dos clubes e movimentar a modalidade. O Porto — era de esperar — seguiu as pisadas de Lisboa. E o seu campeonato entrou na fase decisiva. São concorrentes ao torneio os principais clubes do burgo e arrabaldinos: Académica de Espinho e Estrela e Vigorosa (cada um deles com duas equipas), Académico, Carvalhos, Escola Livre (de Oliveira de Azeméis) e Infante de Sagres.

Mas cá pelo sul não se dormiu à sombra de loiros hipotéticos! Porque o Campo de Ourique — que esteve mesmo à beirinha de conquistar o seu primeiro título na especialidade oquistica — organizou um torneio da categoria com a disputa de três taças: «Coronel Salvação Barreto», «Diário Popular» e «Raul Cartaxo».

Trata-se, evidentemente, de três homenagens tão justas quanto justificadas. Ao presidente do Município — antigo atleta praticante do Cif e ex-director geral dos Desportos. A um diário que ao óquei em patins tem dedicado bastante carinho e em cuja secção pontifica o nosso companheiro de trabalho Jorge Monteiro. E por último ao homem que com tanta

amizade e dedicação tem sabido treinar os jovens patinadores ouriqueenses.

A competição acabou. E foram contemplados com troféus o Campo de Ourique (só triunfos e 20-2), o Paço de Arcos e a Académica da Amadora; apenas o Ateneu — um dos quatro havia de ser! — ficou em branco... Mas o que mais interessa pôr em foco — áparte o terem sido estabelecidas três taças para um torneio de quase principiantes — é a circunstância da organização oportuna de uma prova com as características desta.

Evidentemente que os bons exemplos devem seguir-se. Como ao principio se afirma e é de conceito geral. Tanto assim que, no programa do IV Norte-Sul, a cujo desfecho fizemos referência no último número, foi incorporado um desafio entre juniores: Benfica (campeão) — Misto de clubes de Lisboa. A ideia, simpática em extremo, e, por certo, da maior utilidade, como divulgação do jogo para o grande público, sugere-nos outra. Não resistimos à tentação da pergunta: — Por que se não disputa o I campeonato da categoria? Era, sem dúvida, um excelente meio de propaganda, e, melhor ainda, se conjuntamente se jogassem também (em Lisboa e no Porto) os dois primeiros desafios Norte-Sul... enquanto os campeões regionais se defrontavam para o título maior. Aqui fica o alvitre. «Que, segundo uns «zun-zuns», tem o melhor acolhimento da Associação do Porto.»

DUAS NOVIDADES

na festa de despedida de Germano Magalhães

GERMANO — quem o não conhece, principal e especialmente, no óquei e na patinagem?! — vai despedir-se da actividade como desportista praticante. Tem 47 anos — feitos em 29 de Outubro findo — e 42 dedicados ao desporto! E', «sem dúvidas», o atleta mais antigo em acção: 14 vezes «internacional» de óquei em patins, várias delas campeão nacional e recordista de corridas, tendo sido um dos melhores «sprinters» portugueses na modalidade. Desportista — em suma — que aos 5 anos ganhava a sua primeira prova! E também um exemplo de sã desportivismo. Vai, agora, no dia 6 de Dezembro, fazer a sua festa de despedida; e tem, como aliciente, uma faceta interessantíssima — oferece todas as suas medalhas (mais de centena e meia...) e são ainda poucas! — ao seu clube: o Sport Lisboa e Benfica!!! Belo gesto. Que define um caracter — e é sintoma perfeito e seguro da célebre frase latina: «Mens sana in corpore sano». Que seja feliz — e a sua «festa» (de despedida realmente?) — tenha o êxito que merece.

Duas «novidades» são apresentadas no Pavilhão dos Desportos, na recita de Magalhães, em 6 de Dezembro. Que pela primeira vez se fazem publicamente em Portugal. Uma — interessa particularmente aos simpaticantes da patinagem — é a exhibi-

ção da menina Edite Cruz, «Princesinha do Patim», com patins de duas (2) rodas, construídos especialmente por seu pai! — e outra, a apresentação da classe de homens do Ginásio C. P., sob orientação do professor Ballested, em «exercícios preparatórios da ginástica de aparelhos». Só isto — seria tudo; ou quase tudo! Mas há mais...

O programa completo da festa de despedida de Magalhães (47 anos de idade e 42 devotados ao desporto!) compreende:

1 — Futebol Benfica - Sintra, em óquei, com arbitragem de Américo Rombert, e, no intervalo, patinagem artistica pelos irmãos Sampaio (Benfica); 2 — Benfica-Sporting, basquetebol (sensação!!!); 3 — ginástica (professor David Ballested); 4 — Paço de Arcos — Misto de outros clubes (menos os comparticipantes) com arbitragem de Estevão Jardim e exhibições no intervalo, de Edite Cruz (Benfica) e Maria Antónia Vasconcelos (Sporting) em patinagem; 5 — Benfica-Antigos Internacionais (Benfica) em óquei e patinagem por José Soares (Ateneu) com a despedida do homenageado; 6 — Mesa alemã pelo Lisboa Ginásio.

Na festa, comparada e guarda-de-honra, far-se-á representar, com deputações de atletas e estandartes, todos os clubes praticantes do óquei em patins.

FUTEBOL

Em Inglaterra

LAWTON foi transferido...

O tema do dia, durante a última semana, foi a transferência do famoso avançado-centro do Chelsea e da equipa nacional inglesa, Tommy Lawton. Solicitado por dois clubes, um da 3.ª Divisão, Notts County, e outro da 1.ª, o Sunderland, o preço do tres-passe oscilava à roda de 17.000 libras, importância pecuniária verdadeiramente astronómica.

Afinal, neste duelo de «quem dá mais», triunfou o Notts. Hoje, o famoso Lawton já não pertence ao Chelsea mas ao County e o assunto esfriou.

Também produziu má impressão a primeira derrota do Arsenal nesta época, principalmente porque foi obreiro da proeza o Racing Clube de Paris. Os ingleses estiveram a ser dominados por 4-1 mas reagiram com grande estilo, reduzindo para 4-3 o desaire final.

E já que falámos de desaires, registre-se outra derrota, do grupo nacional escocês, vencido pela Gales, em Hampden Park (Glasgow). Os galenses obtiveram uma vitória por 2-1, atirando para o último posto da classificação os astutos escoceses.

Pelo que respeita aos Campeonatos da Liga Inglesa, os principais acontecimentos da semana foram: a brilhante exibição de Peter Doherty, internacional irlandês que milita no primeiro team do Huddersfield, arrancando o empate com Manchester City (4-4) e a recuperação do Aston Villa batendo Portsmouth (4-2) depois de estar a perder por duas bolas a zero.

Doherty provou ser o mais brilhante interior esquerdo da Grã-Bretanha. O tento que salvou a Irlanda em frente da Inglaterra passará à posteridade como obra clássica. Três dias mais tarde fabricou (de que maneira subtil e engenhosa!) outros tantos golos, a favor do seu grupo, quando o Manchester dominava, por 3-1 e 4-2.

Alberto Brown, antigo player do Charlton e, a seguir, do Portsmouth, justificou as 10.000 libras que Aston Villa agora dispendeu. Anímo grandemente o ataque do seu grupo, e marcou dois tentos em grande estilo.

O Arsenal ganhou ao Blackpool (2-1) e o Preston N. End venceu o Chelsea (2-0), de modo que ambos os clubes conservam os primeiros e segundos lugares na classificação divisionária.

O Blackpool sentiu-se da insuficiência de Matthews — magoado no começo do desafio — e manteve o marcador empatado até 4 minutos do apito final.

Na 2.ª Divisão, West Bromwich Albion mantém a superioridade adquirida, conservando três pontos sobre o Birmingham City. O leader ganhou a Southampton e o segundo classificado derrotou Doncaster.

Newcastle, depois de conquistar a segunda posição, recuou, perdendo com Nottingham Forest (2-0) que nesta época ainda não vencera fora de casa uma vez só.

Cardiff City desiludiu também,

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

UM dos acontecimentos importantes da semana finda e que podemos considerar de certa projecção, principalmente porque lançará mais uma acha na fogueira dos discutidos esquemas lúdicos do futebol, foi o desafio em que a Austria derrotou a Itália por 5 bolas a uma.

Este jogo era ansiosamente esperado por italianos e austríacos, tanto mais que entre os dois países existe a mais acesa das rivalidades, a qual deixa a perder de vista o despique de portugueses e espanhóis. O grupo italiano, cuja preparação esteve a cargo do Comendador Pozzo, figura de grande prestígio e entendimento, saiu a terreiro praticando o sistema WM ao passo que os austríacos actuaram inspirados na tática de antes da Guerra.

O Estádio de Viena, com capacidade para 70.000 lugares, esgotou a lotação muitos dias antes. Três membros do Governo, quando solicitaram bilhetes receberam a mais cruel das respostas: um diplomata estrangeiro ofereceu chocolates (manjar delicioso num país faminto e de racionamento apertado) e também ficou de mãos a abanar.

Enfim, poucas vezes terá havido tanto interesse por um jogo de futebol, na antiga capital dos Habsburgos, como agora.

O triunfo dos austríacos desenhou-se bem cedo e teve a colaboração dos próprios jogadores italianos, visto que ajudaram a introduzir as duas primeiras bolas nas próprias redes. Em compensação, os dois grandes astros do team vitorioso foram Ocwirk (avançado-centro) e Stojaspal (interior). Ao intervalo o resultado era já de 3-0, podendo atribuir-se a um deficientíssimo processo de marcação o afundamento da squadra azzura.

Evidentemente que o efeito moral desta derrota tem mais importância do que o efeito dos números. A Itália que desde 26 de Novembro de 1939, data em que perdeu com a Suíça por 3-1, ainda não conhecera nenhum desaire futebolístico, confiava no êxito das suas côres. Em face da dura realidade o que pensará ela que possa suceder-lhe quando o onze nacional inglês medir forças com os seus representantes?

R. B.

em Craven Cottage, perdendo com Fulham (4-1). Por outro lado, os dois grupos londrinos, West Ham e Tottenham H., conservam-se em boa forma. O primeiro, depois de empatar com o Plymouth, ocupa o 3.º lugar da 2.ª Divisão e o segundo anda-lhe perto, derrotando Leicester por 3-0.

As «ligas» em Espanha

Valência, Celta e Barcelona no lote da «cabeça»

Disputou-se no passado domingo em Espanha a 8.ª jornada da Primeira Divisão, apurando-se os seguintes resultados:

A. Bilbao...	3	—	Sabadell...	1
Oviedo...	1	—	Valencia...	0
Alcoyano...	1	—	Espanhol...	0
Tarragona...	2	—	A. Madrid...	1
R. Madrid...	2	—	Sevilha...	1
Barcelona...	4	—	Gijon...	0
Celta...	2	—	R. Sociedad	0

Como resultados extranhos temos as derrotas do Valência, A. Madrid e Espanhol. Os resultados

influíram grandemente na Tabela: à cabeça está agora um lote de três clubes, A. de Bilbao e Oviedo fugiram dos postos da cauda. Vejamos o quadro da classificação geral: Valência, Celta e Barcelona 12 pontos; Sevilha e A. Madrid 11, Tarragona e Real Madrid 8; Alcoyano 7; Sabadell, Oviedo e Bilbao 6; Espanhol, R. Sociedad e Gijon 5 pontos.

Na Segunda Divisão verificaram-se estes resultados:

Murcia...	1	—	Ferrol...	4
Castellon...	2	—	Mestalla...	2
Corunha...	3	—	Badalona...	1
Valladolid...	5	—	Malaga...	0
Maiorca...	3	—	Hercules...	1
Granada...	3	—	Cordova...	2
Levante...	5	—	Baracaldo...	1

O leader, o Hercules, desceu para o 2.º lugar, conservando os 10 pontos, indo ocupar o posto da cabeça dois clubes, Corunha e Valladolid com 11 pontos. O Baracaldo e o Castellon ocupam o lugar do lanterna-vermelha, a um ponto de diferença de um lote de 5 concorrentes.

JOGOS OLIMPICOS

Estão já elaborados os géneros de desportos que hão-de constituir o programa olímpico, a efectuar no próximo mês de Julho de 1948.

Como o estatuto do praticante amador tem de ser rigorosamente respeitado, é possível que muitos atletas se vejam privados de competir, pois até o recebimento de importâncias pecuniárias como reembolso dos salários perdidos é considerado ilegal.

Os principais desportos incluídos no programa, segundo a classificação do Comité, são os seguintes:

Desportos atléticos, ginásticos, de combate (boxe, luta, esgrima e tiro), náuticos (natação e remo), equestres, combinados (pentatlo moderno) concursos de ciclismo, levantamento de pesos, yachting, concursos de arte (arquitetura, literatura, música, pintura e escultura) e jogos (futebol, rugby, ténis, polo e polo aquático, quei em campo, andebol, basquetebol, canotagem, vôo sem motor e pelota vasca).

Além destes haverá os seguintes desportos de inverno:

Esqui, patinagem, quei no gelo, bobsleigh e jabbogan.

BOXE

Sandeyron empatou com Degryse

Em Anvers efectuou-se um desafio de boxe entre o campeão da Europa de mínimos, Mauricio Sandeyron, e o campeão da Bélgica Raul Degryse, seu velho rival. Exceptuando os três últimos assaltos o domínio pertenceu ao francês, que arrojou por duas vezes no 5.º assalto o belga Degryse à lona, mas o árbitro declarou o match empatado.

Arciniega vitorioso em Nova York

O peso-pesado espanhol Fidel Arciniega, actualmente nos Estados Unidos, pôs fora de combate o negro Willie Brown, na arena de Ridge Wood, de Nova York.

Cerdan em Lisboa

A caminho de Casablanca, para onde seguiu a reunir-se à sua família, passou em Lisboa num avião francês o conhecido pugilista Marcel Cerdan. Fala-se num provável combate entre o campeão da Europa e Steve Belloise, que é hoje um dos mais sérios pretendentes ao título de campeão do Mundo de médios.

"Se jogar contra a França procurarei cumprir com o meu dever. Nunca tive medo do adversário — se ele não é truculento..."

dinheiro. O F. C. do Porto deseja impor-me a disciplina profissional, mas confesso-lhe que isso me faz pensar maduramente na proposta. Não quero...

— É rico, nesse caso?
— Não. Sei lá o que é preciso para ser rico? Mas pobre é o diabo... Meu pai é proprietário de uma fábrica de papel e eu trabalho a seu lado. Enfim: — Tenho as minhas possibilidades e a bola serve-me de entretenimento. E acho que chega.

Passou algum tempo. Alfredo foi para a tropa — militar de artilharia. Às vezes vinha jogar a Lisboa, entrando em Espinho, no comboio, depois de percorrer alguns quilómetros de bicicleta; no regresso — a mesma coisa. Ia de máquina a Vila da Feira, ainda de madrugada, ver os pais, e de Vila da Feira para o regimento, na Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia. O futebol e o clube mereciam esse sacrifício; e Alfredo, valente e dedicado, nunca se recusou ao cumprimento das suas obrigações. E era amador puro, nessa época, contra a vontade do próprio F. C. P.



Alfredo, em convéssas amenas com Rodrigues Teles

Quando o Vasco da Gama do Rio de Janeiro jogou no Porto, no ano findo, Alfredo Pais anulou o extremo esquerdo, de um modo que nos impressionou. Escrevemos então, salvo erro no «Mundo Desportivo» e no «Diário de Lisboa», que o fogoso defensor havia feito o melhor jogo da sua carreira. E dissemos-lhe, após o desafio:

— Caminha para internacional?

— O rapaz sorriu. Mostrou-se um tanto indiferente...

E eis que foi chamado pelos seleccionadores, para jogar possivelmente contra a França domingo próximo. Aparece-mos-lhe com oportunidade. Recordando-lhe jogos e opiniões. Fazendo mais umas perguntas:

— Veste ou não a camisola nacional?

(Continua na pág. 19)

Sebastião, de costas para o centro, acaba de lançar à tabela, marcando 2 pontos. Neste momento, a bola toca a tabela e só depois passará pelo cesto. Homero e C. Santos seguem a trajetória da bola. O jogo foi disputado numa praça de touros e presenciado por grande assistência



BASQUETEBOL

Ainda a deslocação do BENFICA ao Sul da França

A esplêndida «tourné» feita pelo Benfica, ao Sul da França, terminou, como desejamos no último número, com a completa e inofensável vitória da equipa portuguesa, sobre todos os adversários.

Começando por enfrentar um «cinco» bastante fraco, a equipa do Benfica teve, sucessivamente, adversários mais poderosos, mais conhecedores do jogo, e, por vezes, mais duros do que seria natural...

No entanto os benfiquistas estiveram, em todos os momentos, à altura das circunstâncias, torneando as dificuldades que se lhes apresentaram, com o seu muito saber e com a sua consciente superioridade técnica.

Os franceses nunca chegaram a causar apreensões aos nossos compatriotas, porque deve dizer-se — a equipa do Benfica usou sempre, e muito bem, o processo de entrar no campo a jogar para evitar surpresas desagradáveis e não dar ocasião a que os seus adversários se aproximassem na marcação.

Em resumo, a deslocação do Benfica a França foi felicíssima e demonstrou que, quando as representações desportivas são cuidadas e dispõem de elementos de valor,

o nome do desporto português fica bem colocado.

Durante os oito jogos disputados pelos «encarnados» na região dos Pirineus, os nossos jogadores marcaram excelente posição, alardeando uma classe que maravilhou os franceses e os fez considerar a equipa portuguesa em nada inferior à selecção de Praga (uma das maiores revelações do Campeonato da Europa), que, em 1946, visitou, também, aquela região.

A comparação, altamente honrosa para o nosso basquetebol, não deve, porém, deslumbrar-nos. Sabendo como são contigentes semelhantes afirmações, devemos, sómente, convencer-nos de que temos condições para progredirmos e para alcançarmos um nome respeitado, no meio dos países que se encontram no primeiro plano do basquete.

Esta visita do Benfica a França teve, ainda, a virtude de provar que os nossos jogadores precisam, sobretudo, de muito contacto com equipas estrangeiras, de forma a poderem avaliar as suas possibilidades e, sobretudo, poderem avaliar das possibilidades dos outros...

Monteiro Popas



1— Os benfiquistas passeiam em Pomarez. 2— Os jogadores do Benfica em Bayonne. 3— Um aspecto da assistência do encontro de quem os acima um trecho



Alfredo prepara-se... Todo o bom jogador deve ter cuidado com o equipamento

O rapaz chama-se Alfredo Pais. Nasceu em Lamas, do concelho de Vila da Feira e distrito de Aveiro. Tem 25 anos. É atleta. Apara o adversário no peito — seja ele qual for. Não sabe virar a cara a ninguém e nunca principia as hostilidades...

— Não me façam mal! Sou lealíssimo. Mas se o adversário não procede do mesmo modo — tenho de jogar duro...

Isto nos contou há tempos este defensor do F. C. Porto. Que é uma jóia, franco e sério, amigo do seu amigo, podemos garantir a quem se der o cuidado e paciência de nos ler. Alfredo veio para o futebol sem pretensões. Jogou cerca de 3 anos no clube da sua terra mas admirava o F. C. Porto de alma e coração. Aos 19 anos, conseguiu vestir a camisola azul e branca dos campeões portugueses. Jogou ao lado de Vitor Guilhar — internacional. De Pinga — o mestre. Às vezes aparecia nas categorias reservadas, e nunca isso o aborrecou.

Alfredo disse-nos há uns anos, após certa viagem Lisboa-Setúbal:

— Sou amador, no futebol. Jogo a bola porque me apetece porque o jogo me dá alegria, boa camaradagem com a gente da minha equipa. Não ganho



Alfredo Pais gosa o dia agradável e lê os jornais...



BEAUDOUX

Um dos novos valores franceses de esgrima, alirador clássico, de sólidas bases técnicas, que certamente representará a França nos Jogos Olímpicos de Londres

BEAUDOUX, UMA NOVA ESPERANÇA DA FRANÇA

A esgrima francesa nos Jogos Olímpicos

Artigo inédito de ROGER DUCRET

É inegável que as equipas francesas de esgrima acabam de se afirmar no plano internacional e que as suas recentes proezas são o resultado dos esforços que os dirigentes iniciaram há dois anos. No próximo ano, terão lugar em Londres os Jogos Olímpicos. Se os atiradores à espada e ao florete franceses quiserem, como o fizeram recente-

mente quando dos Campeonatos do Mundo, em Lisboa, ficar com a parte de leão, é-lhes necessário contudo prosseguir muito seriamente na sua preparação. É muito mais difícil manter um título, do que conquistá-lo e, em Londres, aos elementos já conhecidos e sempre temíveis, juntar-se-ão elementos novos, tais como os argentinos que, devido às circunstâncias, não puderam participar nos Campeonatos de Lisboa. Ora, não o esqueçamos, os sul-americanos, que não sofreram com as duas últimas guerras estão, neste momento, entre os melhores mestres do mundo. O desporto da esgrima, entre eles, tem as honras e em Buenos Aires, principalmente, praticam-no muito habilmente.

Para evitar qualquer surpresa, os dirigentes da esgrima francesa elaboraram um programa de provas pré-olímpicas.

Depois de cada uma destas provas, os melhores atiradores serão escolhidos para formar equipas masculinas e femininas de florete, assim como equipas de espada e de sabre. Essas equipas assim constituídas serão modificadas depois dos resultados de cada Taça, torneio ou «challenge».

Deste modo, pois, qualquer que seja o momento escolhido, a Federação de Esgrima terá a garantia de reunir atiradores em excelentes condições físicas e em boa forma.

Duas provas acabam de ser disputadas à espada e ao florete, tanto mais interessantes quanto

elas eram reservadas aos menores de vinte anos: dois «challenges» da Ile de France.

A espada, a prova foi ganha por Mionnet, aluno do mestre Bourdou. A vitória é para registar, embora não nos pareça dar, nesta arma, uma verdadeira esperança para o futuro.

O mesmo não aconteceu no florete, onde o jovem Beaudoux, aluno do mestre Lacaze, foi o vencedor sem uma derrota e num estilo excelente, entre 34 atiradores.

Beaudoux, muito em progresso, confirmou assim a sua excelente estreia no Campeonato do Mundo Universitário onde se tinha classificado em 4.º por toques e igualado, em vitórias, aos 2.º e 3.º da prova.

Alto, magro, ainda não formado fisicamente, Beaudoux possui uma esgrima clássica e sólidas bases técnicas que lhe permitirão atingir rapidamente a classe internacional. É, certamente, entre os jovens — e esta última exibição prova-o — o que nos parece dever aproximar-se de d'Orliola, que recentemente se assegurou do título de campeão do Mundo em Lisboa.

Sem dúvida, há ainda, nele, algumas lacunas, das quais a principal é não se servir suficientemente da sua estatura. Mas essas lacunas serão preenchidas no decorrer dos poucos meses que nos separam dos Jogos Olímpicos de 1948, para os quais Beaudoux será certamente designado.

Durante os próximos meses disputar-se-ão grandes provas pré-olímpicas tanto em Paris como na província. A partir de Janeiro de 1948, recomeçará o treino semanal no Círculo Militar de Paris, onde serão convocados os atiradores cujos nomes forem escolhidos pela Comissão do Selecção. Serão igualmente organizados estágios para os «equipiers» designados.

Um «challenge» próximo, de sabre, indicará se os jovens atiradores franceses, nesta arma, estão em condições de figurar honrosamente nas competições internacionais. Dois de entre eles, Lefebvre e Morel, destacaram-se nos Campeonatos Universitários. Veremos se as suas promessas se tornam em realidades e se, para os Jogos de Londres, a França pode contar, no que respeita esta arma, com a equipa sólida que desde há muito tempo lhe falta.

Roger Ducret

Comentarios

A dura realidade

Os dirigentes da Federação Portuguesa de Ciclismo, após a experiência de dez meses de governação, chegaram à triste conclusão de que é impossível desempenhar o seu encargo se lhes não for prestado auxílio material superior.

O caso é grave e inédito: uma federação que se declara impotente e falida; uma federação que está vivendo, para as suas despesas de expediente, do contributo dos próprios directivos.

Não podemos prever como o assunto seja solucionado, mas não nos parece aceitável que se ponha termo à actividade desportiva do ciclismo. Dene diligenciar-se encontrar outra forma de resolver a questão.

Se o organismo federalivo reconhece que não possui recursos para satisfazer os seus compromissos, a primeira medida a adoptar será, logicamente, promover a diminuição desses encargos e como o volume de prémios em dinheiro onera sobretudo o argumento federalivo, acabem-se os prémios monetários extinguindo a categoria de independentes e regressando ao puro amadorismo.

Só possui luxos quem dispõe de meios para os sustentar.

Sem receitas asseguradas, a Federação tem ainda para satisfazer compromissos que datam de alguns anos atrás; mesmo que consiga uma subvenção que lhe permita uma liquidação completa, o problema fica apenas transitóriamente resolvido, pois dentro de alguns anos teremos voltado à situação actual.

É urgente reformar por completo a orgânica actual, adaptando os regulamentos à realidade dos factos. Em todos os países do Mundo, o ciclismo profissional vive dos serviços que presta como propagandista às organizações comerciais ligadas à bicicleta.

Porque não há-de ser assim em Portugal? Ou, então, punhamos de lado obrigações incomportáveis à hierarquia ciclista nacional.

Ultimato

O conselho da Federação Internacional de Natação, quando se reuniu em Mônaco, no passado mês de Setembro, examinou em particular a questão da participação nos Jogos Olímpicos de Londres.

Foi resolvido por unanimidade

pedir o restabelecimento do antigo programa geral, isto é, que as jornadas de natacão só comecem depois de concluído o torneio de atletismo.

A Federação Internacional solicita mais, de maneira imperativa, que além do tanque de cinquenta metros previsto para as competições, seja construído outro tanque especial para os concursos de saltos e para o campeonato de polo aquático.

Caso não possa ser construído este segundo tanque, a Federação exige que lhe sejam concedidos, no programa olímpico, onze dias em vez dos oito habituais. O motivo desta exigência é a duração provável do torneio de polo aquático, para o qual se prevê a inscrição de 28 países.

Se qualquer destes países não for aceita, a Federação Internacional de Natação previne o Comité Olímpico de que não participará nos Jogos.

Estes conflitos, que em regra se resolvem sem consequências de maior, são no entanto, característico sinal dos tempos.

A interferência das federações internacionais na organização técnica dos Jogos Olímpicos — que aliás sempre foi seu atributo lende a avolumar-se e os dirigentes desses organismos fazem compreender ao deuses do Olimpo que a sua colaboração e o seu assentimento lhe são muito necessários, ao passo que a inversa não tem realidade que conte.

Em resumo: são os atletas que fazem os jogos e não os jogos que fazem os atletas. Para algumas pessoas, isto representa o ruir de muitas ilusões.

O DR. GUALTER JOSÉ MARQUES

presidente da Federação Portuguesa de Natação

analisa vários problemas: — O valor dos portugueses — Piscinas de 25 metros — Campeonatos Nacionais no Funchal? — A representação portuguesa em Mônaco — O estilo de Mário Simas impressionou! — Pode tomar-se banho, dizem os médicos, e entrar-se em provas logo após as refeições

A época oficial de natação encerra-se no último domingo de Outubro com o clássico festival da Federação.

Porque a temporada de 1947 apresentou características particularmente interessantes — algumas das quais inéditas, — porque a análise de alguns dos problemas ligados aos últimos seis meses de actividade natatória se reveste de excepcional interesse para a modalidade, e, ainda, porque um conjunto de circunstâncias parece deixar antever o desenhar de um período novo para a natação portuguesa, resolvemos arquivar, nestas colunas, o depoimento, a um tempo, autorizado e oportuno, do actual presidente da Federação Portuguesa de Natação, dr. Gualter José Marques.

A sua qualidade de presidente da entidade máxima da natação junta o dr. Gualter Marques mais os seguintes atributos: médico da Escola Naval — cajo Gabinete de Estudos Psicotécnicos dirige — e da Comissão de Educação Física da Armada.

Vice-presidente da Federação em 1946, presidente na temporada de 1947, o dr. Gualter Marques jamais fizera quaisquer declarações à imprensa.

Quebra hoje o silêncio e uma norma de conduta que a si próprio impusera, por — palavras suas — especial deferência para com a *Stadium*.

Rápida análise da temporada finda

Uma pergunta que se impanha, aliás, a primeira que colocamos:

— Que considerações lhe saírem, resumidamente, embora, a temporada que há pouco terminou?

— A época finda foi movimentada, teve princípio meio e fim, e, houve mesmo arrojados de organização, como os campeonatos nacionais, que mostraram bem até que ponto nos interessamos e procuramos realizar o programa geral. A organização do V encontro Portugal-Espanha, apesar de improvisada, foi menos dispendiosa do que a do último torneio realizado entre nós.

A deslocação a Mônaco, que Mário Simas classificou publicamente do seu «baptismo», foi de um valor inaleável para ele e para a natação portuguesa.

Muitos dos benefícios e ensinamentos só mais tarde se reconhecerão, é certo. Mas foi precisamente essa a nossa finalidade: pensar no futuro.

De entre os nadadores, é consolador registar que além de Mário Simas e Guilherme Patrão — de créditos firmados — uma pleiade surge: Franco do Vale, Soares de Oliveira, Faria Bichinho, Fernando Madeira, Marta Barbeiro, Luís do Carmo, Riccardi e tantos outros.

A direcção da Federação, julgo, cumpria o seu dever: organizou oportunamente o seu calendário e patenteou bem, entre outras coisas, o desejo de prolongar o mais possível a temporada ao ar livre, deixando às Associações regionais todos os domingos livres até à realização dos campeonatos nacionais e realizando um encontro internacional antes dos campeonatos europeus.

O problema das piscinas

Era inevitável: o problema das piscinas tinha, fatalmente, que ser locudo, dada a sua transcendente importância para a modalidade. Problema velho, ele é, infelizmente, sempre novo. Registemos a esse respeito as palavras do nosso entrevistado:

— Mais do que de entusiastas, mais do que de nadadores, o que acima de tudo carecemos são de piscinas, de entre as quais, as mais indispensáveis, as de 25 metros. Muitas piscinas — e quantas mais, melhor! Não, que não sejam necessárias as olímpicas — de 50 metros — pelo menos nos grandes centros de Lisboa, Porto e Coimbra.

E desenvolvendo o seu pensamento:

— Lisboa, com cerca de um milhão de habitantes, possui, apenas, uma piscina, a do Sport Algés e Dafundo, com todas as virtudes e defeitos de ser única. O Porto que de há muito reclama uma piscina, parece que dentro em breve verá o seu sonho realizado, no Palácio de Cristal. Coimbra, com larga e valiosa folha de serviços prestados à modalidade, vai cansando já, sobrecarregada por uma situação deveras insustentável que parece não mudar de ramo: ver que o Mondego leva, água abaixo, por alturas de Setembro, o que em Julho era solicitado por uma mocidade entusiasta e com invulgares aptidões para a modalidade. No Funchal — presentemente o nosso segundo centro natatório — temos a piscina do Lido. A Federação traz em estudo, de há dois anos a esta parte, a realização dos campeonatos nacionais na encantadora

Pérola do Atlântico. Não podemos esquecer que seria um belo estímulo para os perseverantes lanchalenses. Talvez em 1948...

O torneio europeu de Mônaco

Uma vez que o dr. Gualter Marques assistiu, em Mônaco, às provas máximas da natação europeia, interessante seria, também, ouvi-lo a esse respeito.

— Os campeonatos europeus foram espectáculos inolvidáveis pelo entusiasmo e beleza de que se rodearam e pela extraordinária preparação atlética evidenciada pela grande maioria dos seus participantes. O valor da natação europeia ficou amplamente demonstrado. Os cronogramas assim o afirmaram, e na natação o melhor índice do valor, o verdadeiro adversário do campeão — é o relógio.

— A representação portuguesa...

— A representação portuguesa, ao contrário do que a Federação tanto desejava, foi à última hora comprometida e, por motivos estranhos à nossa boa vontade, redazida, apenas, a Mário Simas. Desde o princípio da época que a F. P. N. pensou nos campeonatos europeus. Organizou o calendário conjugando as datas das diversas organizações, marcando os campeonatos nacionais e o Portugal-Espanha para Espinho, levando em consideração, claro está, que a piscina de Espinho, como a de Mônaco, é de 50 metros e de água salgada. Todavia, a falta de auxílio, por um lado, e a falta de cumprimento por parte dos espanhóis, por outro, forçou-nos a transferir para Algés o tradicional encontro entre as duas nações peninsulares.

— E quanto à actuação de Mário Simas?...

— Mário Simas, o nosso grande nadador, cujo valor está de há muito firmado através de várias competições internacionais com alemães, húngaros, espanhóis e franceses, ressentia-se, acima de tudo, de só agora participar numa organização de grande vulto.

— Via-o ganhar brilhantemente a eliminatória, com margem folgada sobre os seus valiosos competidores, num «tempo» magnífico que não é, aliás, o seu melhor. Ouvimos, à nossa volta, quem o viticinasse como vencedor da «final», muito embora J. Vallery tivesse o melhor «tempo» da Europa. Não foi feliz, é certo, mas a beleza e perfeição do seu «estilo» foram devidamente apreciadas. E a marca

obtida não deixa dúvidas... E' apenas uma questão de saber esperar, que as Olimpíadas estão para breve...

O Congresso Internacional de Medicina

Fala-se, em seguida, dos trabalhos realizados durante o Congresso Internacional de Medicina Desportiva aplicada à natação. E o dr. Gualter Marques, que nele participou como representante de Portugal, expõe-nos o seguinte:

— Presidido pelo professor Merklen, e com a participação de médicos ilustres de todos os países, reuniu-se o primeiro Congresso de Medicina Desportiva cujos trabalhos decorreram com elevação digna do melhor relevo. A França mais uma vez demonstrou o interesse que o Governo dispensa presentemente ao desporto.

Na primeira sessão, o presidente da comissão médica da Federação Francesa de Natação, dr. Jean Maronneau, apresentou um interessantíssimo trabalho sobre a morte por congestão. Apesar de algumas objecções, foi demonstrado e aceite que se pode tomar banho e entrar em competições desportivas logo a seguir às refeições. Em França, na Dinamarca, na Suécia, etc., as crianças em idade escolar têm instrução de natação a par das refeições. Os jogadores de «water-polo» e os nadadores comem antes das competições.

Anteriormente ao Congresso foi organizado um «referendum» pela Comissão Médica da F. F. N. e a que responderam, entre outros, os seguintes países: Inglaterra, Austría, Húngria, Bélgica, Itália, Dinamarca, Grécia, Luxemburgo e Portugal. E aí tive ocasião de acentuar que nos acidentes por congestão, após as refeições, se deve entrar em linha de conta com o regime alimentar — tão diferente de país para país — e com a temperatura da água.

Na segunda sessão do Congresso, o dr. Charles Chuche apresentou um trabalho notável sobre «paralisia infantil e natação» que, embora discutido, foi muito apreciado. Por ele, muitos ficaram a saber a orgânica da assistência às piscinas, as normas gerais e particulares elaboradas pelos médicos da Federação Francesa de Natação, que o Governo deste país aprovou e mandou pôr em execução, visando a profilaxia das doenças infecto-contagiosas, desinfectação das piscinas, etc., etc.

Concluído o seu pensamento, o dr. Gualter Marques diz-nos ainda:

— E' notável o interesse dos médicos pelos assuntos ligados à natação e, porque todas as federações estrangeiras têm, digamos, o seu corpo clínico, é de esperar, logicamente, um trabalho sério, científico, e que a todos beneficiará.

E aqui terminou o dr. Gualter Marques as suas considerações. A natação é uma modalidade em franco progresso e, entregue como está, em boas mãos, tudo indica que no futuro venha a marcar, ainda melhor, a sua posição.

Abreu Torres



EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LUSITANO, 1 - ESTORIL,



1.—A fotografia dá a impressão de que se passou alguma coisa de notável nas baixas do Estoril. Eloi, Laranjeira e Pereira parecem conformados... 2.—Isaurindo defende com facilidade. Tem na sua frente uma muralha de protecção! 3.—Um jogador do Estoril ataca impetuosamente! 4.—Bravo conta passar o guardaredes, numa das mais perigosas jogadas desenvolvidas pelo Estoril Praia



A qualidade superior; a conservação do motor do seu carro que com o menor esforço lhe proporcionará a maior segurança; é a protecção eficaz do material e sua impecável conservação,

SÃO AS TRÊS GARANTIAS
QUE FAZEM DA LUBRIFICAÇÃO

Sonap

a lubrificação que se impõe!

Sociedade Nacional de Petróleos

Gazolina
Petróleo
Gazoil
Lubrificantes

Massas consistentes
Vazelinas
Parafinas
Asfaltos

Rua D. Pedro V, 80
LISBOA

Rua de Santo António 45,
PORTO

Rua da Sofia
COIMBRA

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

VISITA DESASTROSA

A visita do F. C. do Porto a Lisboa, feita sem qualquer ideia de lucro, foi desastrosa. Por todos os motivos. Alguns jogadores, como Araújo, Guilha e Ferreira, regressaram com lesões. Barrigana perdeu o lugar na selecção—dizem. Todos sabiam que o guarda-redes portuense estava em más condições físicas, mas ninguém o desculpou...

Valerá a pena tanto sacrificio? Parece-nos bem que não.

A SITUAÇÃO DO INFESTA

O F. C. de Infesta, de São Mamede, instalou umas bancadas no seu campo de jogos. Espaçosa e elegante, esta bancada custou umas dezenas de contos, que o clube, modesto embora progressivo, não possui presentemente.

Aguarda um auxilio de quem de direito, já prometido na devida oportunidade. Mas chegará pelo menos a tempo de evitar dissabores aos seus dirigentes? De momento tudo está envolvido em dificuldades...

NOVOS DIRIGENTES

Tanto no Académico como no F. C. do Porto fala-se em novos dirigentes. Para o clube do Lima aponta-se de novo o considerado nome de Gabriel dos Santos Junior; para o F. C. do Porto, Alberto Brito, antigo presidente da A. F. Porto.

Na verdade, a gerência do clube campeão portuense pensa abandonar os seus lugares—ideia já velha. Talvez aconteça no fim do ano corrente. A ser assim, Alberto Brito é nome bem indicado.

A ULTIMA ASSEMBLEIA

GERAL DO F. C. P.

Como era de prever, decorreu com muito entusiasmo a última assembleia geral dos campeões do Porto. Quando o dr. Cesário Bonito, o prestigioso presidente da colectividade afirmou que o seu clube tinha já a sua ordem 1.400 contos do terreno da Vilarinha, para comprar definitivamente o campo das Antas, ouviram-se aclamações demoradas.

E os sócios aprovaram todas as propostas da Direcção. São fieis e dedicados.

CURIOSIDADES...

Alguns elementos do F. C. do Porto chegaram bastante molestados do treino no Estádio Nacional.

♦♦ Diz-se que determinado jogador portuense fará o possível para não comparecer nos futuros treinos, estágios ou no próprio jogo.

♦♦ Correia Dias também já começou com os seus treinos. O treinador Eladio Vaschetto pretende submetê-lo a 4 sessões semanais.

♦♦ Enquanto Correia Dias não jogar, defende-se a seguinte linha avançada no F. C. do Porto: Angelo, Araújo, Lourenço, Ferreira e Catolino.

♦♦ Artur Sousa (Pinga) será o novo treinador do Salgueiros (?) A notícia, pelo menos, causou alguma surpresa nesta cidade...

Jogo violento

Não sabemos se o clube de Elvas, saído de uma fusão do Sporting e do Sport Lisboa, vai adoptar nos futuros jogos o mesmo padrão, o mesmo estilo duro e aborrecido. Mas é de acreditar que tal não suceda, pois o grupo tem categoria para jogar futebol de boa qualidade, evitando atritos e a indisposição do público.

E' preciso afirmar em toda a parte e junto de todos os grupos que o futebol violento está condenado por completo. No entanto ainda no domingo principiou o campeonato nacional e já se verificaram expulsões, além de magoadelas que revelam excessivas deselegâncias.

Neste desafio entre o Porto e o Elvas tudo passou das marcas. Alguns elementos tiveram pouca serenidade, e um deles sofreu mesmo a expulsão do terreno, facilmente evitável se o respeito pelo adversário tivesse algum lugar no seu espirito.

Os casos da Constituição, evidentemente, podem ser iguais aos de outros campos. Mas, seja como for, ao público desagradou uma série de incidentes bem dispensáveis, porque tem simpatia pelo jogo sereno e correcto. E' preciso que se afaste a ideia de generalizar o jogo violento. que os árbitros reprimam todas as tentativas feias. De contrário, continuaremos assistindo a um espectáculo indigno.

Seleccionados portuenses

O público desportivo do Porto tem lido com certo cuidado e espirito de observação algumas criticas respeitantes a actuações de jogadores portuenses quando submetidos a treino pela equipa nacional. De Araújo já nem queremos falar. O rapaz vale o que vale, e ninguém conseguirá diminuir-lhe as qualidades. Mas a indicação de Alfredo tem perturbado muitas pessoas, e não invejamos nesta altura a sorte do rapaz...

POR um mero acaso fomos a Lisboa e assistimos ao treino realizado no Estádio Nacional, entre a Selecção e o F. C. do Porto. A crítica do jogo (?) está feita por jornalistas de reconhecida competência. Mas não parecerá mal «meter foice em seára alheia» ao menos para lamentar que o jogador portuense Araújo, que alguns colegas têm abraçado tantas vezes no Estádio Nacional, se visse na quinta-feira forçado a sair do campo, verdadeiramente aborrecido com a indiferença que lhe voltaram alguns colegas da linha da frente!

Vimos Araújo empenhado no segundo tempo em jogar. Mas os restantes «não responderam». O portuense, depois de bem convencido, teve apenas uma solução:—ir tomar banho para não ser mais «chamuscado» do que já estava. Isto é lamentável. E mais lamentável se não houver pulso para evitar estas cenas de péssima camaradagem.

A assembleia geral do F. C. Porto

Conforme informámos oportunamente, realizou-se no salão da F. N. A. T. a assembleia geral extraordinária do F. C. do Porto, para discussão da alteração das quotas mensais dos associados, da substituição da chamada sobretaxa «pró-campo», por sistema diferente, e da autorização para a direcção da colectividade cativar determinado número de bancadas centrais, mediante o aumento da sobretaxa anual. Tudo como se revelou no «Stadium» quando entrevistou há semanas Elói da Silva. Falou em primeiro lugar o presidente do clube, sr. dr. Cesário Bonito, que pediu um minuto de silêncio em memória de Miguel Siska. Em seguida, o sr. Alves Teixeira referiu-se ao reatamento das relações desportivas entre o Futebol Clube do Porto e o Benfica, a bem das duas colectividades e do desporto nacional.

Depois de ter falado sobre o mesmo assunto o sr. dr. Aureliano Braga, foi posto à votação e aceita por maioria, a proposta da direcção para que a quota dos sócios de bancada passe a ser de 20\$00 mensais; a do peão e a de senhoras 10\$00; e a de menores, 5\$00.

A receita destinada à sobretaxa para o campo provém dos 70 por cento das receitas extraordinárias do clube. A direcção foi autorizada a cativar duzentas bancadas centrais.

A assembleia terminou com uma grande ovação, quando o presidente declarou que estava à ordem do clube, na Caixa Geral de Depósitos a importância aproximada de 1.400 contos para aquisição dos terrenos das Antas, onde vai ser construído o futuro estádio do F. C. do Porto.

Ecos...

As saudades das charneças alentejanas parece que «falaram» mais alto do que as miragens do Tejo, junto de Manuel Joaquim, e o conhecido «guardião» benfiquista «desertou» — segundo dizem — para Montemor. «Si non est verum»...

◆ Ainda que se diga, e quem o afirma garante a verdade da notícia, que Capela ingressará na «briosa» de Coimbra, não falta também quem segrede que o conhecido «internacional» só alinhará no Albergaria, uma modesta colectividade do seu concelho.

◆ O Sporting, cuja «equipa» de guarda-redes é de certo modo valiosa, acaba de a engrossar ainda mais com um novo «porteiro», Raul Ramalho, que nos dizem dotado de habilidade e defendeu a baliza do Ferrovário de Luanda. O velho «leão» precisa de acautelar o «futuro»...

◆ Carece de confirmação, felizmente, a notícia de que o médico do Sporting, Canário, sofrerá intervenção cirúrgica para cura da lesão no menisco. Segundo ele próprio nos declarou, e com isso nos congratulamos sinceramente, o simpático desportista apenas necessitará de tratamento de diatermia, e tempo, para poder voltar aos terrenos do jogo.

◆ Patalino, o centro-avanzado eloense à roda de cuja transferência se têm tecido interessantes considerações de amor regional, surge-nos agora com mais um capítulo da sua vida, uma pretenção de ida para Cordova, em troca de 200 contos, um automóvel e uma residência. Mas Patalino continuará firme, enamorado do Elvas.

◆ Aproxima-se do fim o «caso» Rosário. O S. L. Cartaxo voltará às competições oficiais — o primeiro sinal de ressurgimento foi dado com a recente Assembleia Geral do clube, e o segundo será um encontro no próximo dia 1 de Dezembro com o S. L. Saudade — e o discutido jogador regressará, portanto, mercê do primeiro despacho de transferência, ao seu clube de origem. Ao fim e ao cabo: nem Elvas nem Lisboa, e o simpático rapaz continuará — como disse à nossa Revista — a vestir uma camisola encarnada.

◆ Outra baixa, por «deserção», no quadro do futebol lisboeta, há que registar: o «marroquino» Viegas, que parece não se ter adaptado aos ares de Belém, tomou o avião para o Norte de África. Se pega a moda das «jugas», sem satisfação prévia, é caso para perguntar: «qual é o senhor que se se-gue?»...

As declarações de ALFREDO

(Continuação da pág. 14)

— Agora, farei o possível. Será o prémio da minha dedicação ao futebol, se tal acontecer. Devo afirmar-lhe, antes de mais nada, que não sei se prejudico pretensões, se a opinião geral me é desfavorável e se há melhor jogador para o lugar. Sei apenas que pensaram em mim os seleccionadores. E eu, caso venha a jogar, nem um só momento esquecerei as minhas responsabilidades. Sou brioso e disciplinado. Obedeço sempre.

— Dizem que é violento...
— Não. Julgo apenas que sou atleta. Jogo com valentia. E gosto dos adversários valentes. O adversário truculento indispõe-me.

— Se jogar contra a França, confia em si?

— Porque não? Conhece-me bem. Vaidoso não sou, nem me considero az. Para mim, todos jogam mais, todos são capazes de fazer melhor. Mas o medo não entra comigo, já sabe, e quando estou no campo — procuro cumprir com o meu dever. Confio no carinho do público e até nas suas desculpas a um estreante — caso venha a ser escolhido, repito.

— Gosta de jogar sobre o extremo?

— Agrada-me o papel de defesa. Reconheço que se brilha mais ao centro, e ainda quero experimentar um dia. Quem joga sobre o extremo tem de «sacrificar-se». Outros ganham com isso, mas o futebol exige o serviço de quem o compreenda. Eu compreendo o futebol, as táticas e as instruções do treinador.

Alfredo mostrava-se tal como era e o conhecemos. É um jogador que sabe o que deseja, e em vésperas de entrar no team nacional (?) denunciava presença de espírito e valorosa decisão.

Quisemos ainda falar-lhe do seu clube. De um boato de transferência que chegou a correr no princípio desta época. O defesa português, nem nos deixou terminar:

— Sou firme nas minhas opiniões e não «exploro» qualquer situação como jogador de futebol. Não preciso deste desporto para viver, e a minha fé nos destinos do F. C. P. leva-me a garantir-lhe que não abandonarei a colectividade. Admiro-a com verdadeira paixão. Devo-lhe muitas horas de alegria. Se há jogadores que afirmam, por acaso ou conveniência, amizades que não sentem, — isso não se dá comigo. O F. C. Porto será sempre a minha segunda casa!

Entramos no Estádio Nacional. Alfredo ia jogar contra o Porto, o seu clube, e estava na hora. Chamavam-no. Sorrimos às suas últimas palavras, e não perdemos esta observação:

— Mas hoje...

— Estou em exame. Tem de ser. Oxalá me não engane durante a prova...

E enquanto isso acontecia, preguntamos a nós próprios: — Na verdade, porque não há-de ser internacional este rapaz cheio de vida, riço como as casas, e tão bom como tantos outros?

Rodríguez Teles

ESTORIL

COSTA DO SOL
(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

Excelente estrada marginal
Rápido serviço de comboios eléctricos

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

TODOS OS DESPORTOS:

Golf (18 buracos), Tennis, Hipismo,
Natação, Esgrima, Tiro, etc.

HOTEIS:

ESTORIL-PALÁCIO HOTEL

Luxuoso e confortável—Magnífica situação

HOTEL DO PARQUE

Bom instalação—Anexo às Termas e Piscina

MONTE ESTORIL HOTEL

(antigo Hotel de Ilália)

Ampliado e modernizado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterapia.
Rápido. Laboratório de análises clínicas.
Gimnástica Médica. Massagens

TAMARIZ:

Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar

Piscina de água tépida — Sala de armas
Escola de equitação — «Stands» de Tiro

CASINO

Aberto todo o ano

Cinema - Concêrtos - «Dancing» - Restaurante - Bars

Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Sociedade Propaganda da Costa do Sol

ESTORIL



A equipa de honra do Vitória de Setúbal

EM SETÚBAL

Fotos MAX

BOAVISTA, 2 - VITÓRIA, 0



Um aspecto do desfile comemorativo do 37.º aniversário do Vitória Futebol Clube



A equipa de honra do Boavista

A luta adquiriu por vezes, aspectos heroicos de energia, mas Santiago e os seus companheiros portaram-se com galhardia!



Um avançado setubalense esgueira-se por entre os «backs» mas Santiago já executou a defesa

EM COIMBRA

ACADÉMICA, 3 - OLHANENSE, 3



Fotos MARQUES DE CARVALHO

Os algarvios perseguem um atacante de Coimbra, que marcha apressadamente...



Em cima: — Joaquim Paulo em luta directa com um adversário; Ao lado vêem-se Salvador e Cabrita

Ao lado: — Uma defesa de Szabo, do Olhanense

ARCADIA O DANCING
N.º 1
DA CAPITAL

Grande êxito das atrações internacionais

CARMELITA DEL RIO
HERMANAS APARICIO

MARY-MELI, NITA ANEL, ATLANTIDA
ITAMAR e MABEL VALENCIA

e o famoso cantor argentino

JORGE CARDOSO

Com **CHOVA** y sus **MUCHACHOS**

ORQUESTRA ARCADIA

Abertura às 22 horas